



A LENDA DO VALE DA LUA

(FOLGUEDO INFANTIL)



Autor: João das Neves.

CENA I

(PALCO VAZIO, APENAS COM ELEMENTOS COMO PAPÉIS, BAMBUS, ETC, QUE SERÃO UTILIZADOS PARA A REALIZAÇÃO DOS CENÁRIOS, EM CENA ABERTA. OS ATORES PODEM SE MISTURAR COM AS CRIANÇAS, CONVERSAR, ETC.)

NARRADOR- Eu queria inventar uma história. Assim pra contar. Não é por nada, pode parecer bobagem, mas eu gosto de contar histórias. Agora, difícil é a gente começar. (PAUSA) A gente não podia começar a história com uma casa?

CRIANÇAS- Podia!

N - Podia. Podia mesmo. Mas uma casa é muito pouco. Tem que ter gente morando nela. Senão não dá. Sem gente não tem história.

ATRIZ 2 - Psiu! Eu posso morar nela!

ATOR 1 - Eu também.

N - Bom, então a gente já tem uma casa e dois moradores. O que é que podia ter mais na casa?

ATOR 2 - Uma árvore!

N - Poxa, uma árvore é uma boa idéia. A gente podia fazer a casa com uma porção de árvores em volta.

ATOR 1 - Isso. E podia botar também uma graminha em toda a volta da casa.

ATRIZ 1 - É. Podia ter também umas flores

ATOR 1 - Isso. E uma lua bem grande no meio do céu...

N - E um céu bem grande e cheio de estrelas.

ATOR 1 - A casa podia ficar num vale onde a lua viesse sempre dormir.

ATRIZ 1 - E então ela inundava o Vale de Luz

ATOR 2 - E o Vale podia se chamar até "Vale da Lua"!

N - Bom, eu acho que já dá pra começar a história.

ATRIZ 2 - Espera aí. Como é que eu vou me chamar?

NARRADOR-Ué, Lúcia. o Teu nome não é Lúcia?

ATRIZ 2 - É. Mas isso é o meu nome mesmo. Nome de personagem tem que ser diferente. Senão fica chato!

N - Bem, então que nome você quer?

ATRIZ 2 - Ah, sei lá. Um nome diferente, sei lá. Isabel, Úrsula.

N - É, mas na história que eu vou contar você não vai ser personagem nenhum não. Você vai ser você mesma.

ATRIZ 2 - Mas eu queria outro nome, ora.

N - Está bem. Então qual é o teu nome?

ATRIZ 2 - Lúcia está bem.

N - Mas voce não queria outro nome?

ATRIZ 2 - Queria, mas agora não quero mais. Eu só queria ter o direito de escolher.

N - Então fica Lúcia mesmo.

ATOR 1 - E eu também vou me chamar Carlos mesmo? Acho muito chato.

N - Ah, gents! Assim não dá pra contar a história. É melhor todo mundo ficar com o nome que já tem. Assim fica mais fácil.

ATOR 1 - Fica mais fácil mas é muito chato. Todos os dias me chamam de Carlos. Dentro da história eu bem que podia ter outro nome.

ATRIZ 2 - É eu também. Eu bem que podia me chamar Úrsula ou Isabel.

ATOR 2 - De novo?

ATRIZ 2 - É que eu sou tão indecisa!

N - Então, vamos fazer uma coisa. Vocês vão fazer uma porção de personagens, pronto. Vão fazer o sol, a lua, as árvores, as estrelas, a brisa... Vocês podem ser tudo e ter todos os nomes é só querer.

TODOS - (CANTAM) É só querer para o bem querer  
É só viver pra querer brincar  
É só brincar e então cantar.  
Tantas histórias eu sei contar.

Era uma vez, eram duas tres  
Passou-se um dia foi num mes  
Depois um ano era outra vez  
Mas uma história assim se fez





136  
603

© LETEIRO E A MENINA NOITE

PERSONAGENS

- Leiteiro
- Menina Noite
- Tem
- Lampião
- Gordinho Esparto
- Mister
- Pretinho que passa fome

- Casas
- Robots
- Rouba ceia

Narrador (voz em play-back)

José das Neves

S. B. A. T.

Foco liberada exclusivamente para  
Teatro de Arena  
 e para fins de cultura. Sua apre-  
 sentação em teatro, rádio, televisão,  
 e outros meios de comunicação, depen-  
 de do pagamento prévio dos direitos  
 autorais.

P. Alegre, 12 de agosto de 1970  
Alenda

LIVRE



TEATRO DE ARENA  
5/8/70

(ENQUANTO CANTAM, VÃO ARMANDO UM CENÁRIO COM ELEMENTOS MENTE SIMPLES. PAINÉIS DE PAPEL ONDE PINTAM UMA CASA, AS ESTRELAS, O SOL, A LUA, ETC. COMO NOS DESENHOS INFANTIS.).



DOS

CENA II

NARRADOR - Lúcia e Carlos eram dois irmãos. Viviam com seus pais numa casinha que era acordada pelo sol e que só ia dormir depois que a Lua, cansada de brigar com os astronautas...

ATRIZ 1 - Escuta aqui, seu astronauta, quando é que o senhor vai parar de tirar minhas pedras, hem? Daqui a pouco eu vou ficar vazia. Todas as noites agora é isso. O sr. chega aqui, salta do foguete, pisa de leve, apanha as minhas pedras sem pedir licença e vai saindo sem ao menos dizer um boa noite.

ATOR 2 - Desculpe, dona Lua, eu não sabia que umas pedrinhas iam fazer tanta falta.

ATRIZ 1 - Não sabia, pois fique sabendo. Sem as minhas pedras eu vou perder o equilíbrio e acabar caindo do céu. Já pensou que confusão?

ATOR 2 - É, mas como é que eu vou fazer? Eu tenho que levar umas pedras prá fazer as minhas pesquisas. Sem pedra como é que vou pesquisar?

ATRIZ 1 - Pesquisa com água, com o ar. Não pesquisa. Pra que tanta pesquisa?

ATOR 2 - Ora essa, pra pesquisar, pra saber de que é que você é feita

ATRIZ 1 - Por que não pergunta em vez de ficar tirando as minhas pedras? Vocês da terra são engraçados. Vivem tirando as coisas dos outros: pra pesquisar, examinar, ajudar, ensinar. Por que não perguntam?

NARRADOR - Pois é. Todas as noites tinha essa discussão. Depois a Lua iluminava o firmamento à procura de um lugar pra dormir.

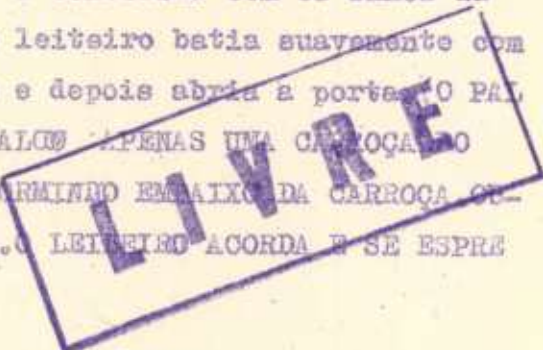
ATOR 2 - A casa do menino morava num Vale. E era lá que a Lua ia sempre dormir.

ATRIZ 1 - por isso aquele lugar se chamava "Vale da Lua".

( CANTAM)



FARRADOR Era uma vez um leiteiro. Todas as noites trazia nas garrafas, de muito longe, um leite branquinho e alegre. Sua carroça era azul, muito azul, da cor de uma igrejinha barroca (NESSE MOMENTO ENTRA NO PALCO, CARREGADA POR UMA CRIANÇA QUE SE DEVE OCULTAR INTEIRAMENTE, UMA IGREJINHA AZUL, AZUL) ou da cor do céu na quinta hora da tarde -uma tarde de outono - refletida no sorriso de uma criança triste ( A CRIANÇA COLOCA A IGREJINHA AO LADO DELA E SORRI TRISTEMENTE. É UM MENINO: PRETINHO DE PAVELA OU COM CARINHA DE NORDESTINO. DEPOIS SAI COM A IGREJINHA, OUTRA VEZ OCULTO ATRÁS DELA) ou ainda, se quiserem, (NO PALCO CAI UM REFLETOR SOBRE UMA CARROCINHA DE LEITE BEM AZUL) da cor da carroça de um leiteiro mesmo. O nosso leiteiro não era moço nem velho. Nem bom nem mau. Às vezes alegre, às vezes triste. Dependia do que havia comido. Ou dormido. Um leiteiro. Mas quando puxava sua carroça estava sempre feliz. Sempre alegre. Tão alegre que flutuava e esquecia sua pobreza. Tão alegre que entendia as vozes das ruas, das árvores, dos animais, e conversava com a noite sua namorada. Naquêlo tempo a noite, que era uma pretinha muito bonita, dormia na carroça do leiteiro, enquanto esse velava por seu sono, evitando que se fizesse muito barulho perto da carrocinha. E assim que o sol começava a conversar com os sinos da igrejinha, lá no alto da colina, o leiteiro batia suavemente com as garrafas para acordar a noite e depois abria a porta. O PALCO SE ILUMINA. CAIR DA TARDE. NO PALCO APENAS UMA CARROÇA DO LEITEIRO E O LEITEIRO, QUE ESTÁ DORMINDO EM BAIXO DA CARROÇA QUEVE-SE, AO LONGE, UM SINO DE IGREJA. O LEITEIRO ACORDA E SE ESPREGUIÇA)



LEITEIRO (SAI DE BAIXO DA CARROÇA E FICA SENTADO, OLHANDO DURANTE ALGUM TEMPO A TARDE QUE ESMAECE. DEPOIS LEVANTA-SE E ABRE A PORTE DA CARROCINHA E CHAMA) Noite, acorda noite! (Rapidamente as luzes transformam a tarde do início da cena em noite. Ao acabar a transformação uma linda pretinha está sentada em cima da carroça. Veste-se com bom gosto, mas pobremamente. É a noite)



lá vem a lua  
Vestida de branco  
No pé direito  
Traz um tamandê  
Lá vem a noite  
Correndo no céu  
No seus cabelos  
Um negro véu.



CENA III

(LUCIA E CARLOS, OS DOIS IRMÃOS - ATRIZ 2 e ATOR 1 - ESTÃO NO MEIO DA CENA, SENTADOS NO CHÃO)

LÚCIA - Puxa, eu estou um bocão cansada.

CARLOS- Eu também. O que é que a gente vai fazer agora?

LUCIA - Ah, não sei. A gente podia ficar olhando a noite

CARLOS- A gente bem que podia fazer uma outra coisa. Todas as noites a gente fica olhando a noite.

LUCIA - É, mas olhar a noite é bonito. E depois, quem sabe ela não dá alguma idéia pra gente brincar?

CARLOS- Está bem. Então a gente deita no chão e fica olhando a noite e procurando uma idéia. (OS DOIS SE DEITAM. MUSICA INCIDENTAL)

LUCIA - Carlos?

CARLOS- Hem.

LUCIA - Como é que a noite vai dar uma idéia pra gente?

CARLOS - Não sei. Olha, ela pode dar um aviso.

LUCIA - Um aviso?

CARLOS - É, um aviso. Pode aparecer um cometa.

LUCIA - Ou uma nuvem colorida bem no meio da noite.

CARLOS - Ou um navio voador.

LUCIA - Ou pode cair uma estrela.

CARLOS - Olha lá, Lúcia!

LUCIA - O quê?

CARLOS - Caiu uma estrela. Você não viu? Olha lá outra!

LUCIA - E outra. Essa é enorme! Será o aviso?

CARLOS - Claro que é, só pode ser. Agora a gente já está avisado.



NOITE Não precisava gritar assim...Eu já estava acordada!

LEITEIRO Estava nada...

NOITE Estava sim.Você é que é um dorminhoco e nunca mais abria a porta.

LEITEIRO Dorminhoco nada.É que eu não almociei.Então aproveitei para dormir mais um pouquinho.

NOITE E sono lá enche barriga?

LEITEIRO Não enche,mas engasa.

NOITE Você é um conversa fiada.O dia já foi embora?

LEITEIRO Não.Parou um vestinho ali atrás do muro,prá bater um papo com o sol.O sol está um bocadinho queimado!

NOITE Porque?

LEITEIRO A cidade chegou de querer fazer buche,trouxe uma porção de nuvens cheias d'água que choveram,choveram...e nada do sol poder aparecer.Só à tardinha é que ele botou a cara de fora. Estava vermelho de raiva.( A NOITE ABRE OS OLHOS E COMEÇAM A APARECER ESTRELAS NO CÉU) Ah,mas deixa ver seus olhos.Pu- ra que boniteza! Quantas estrelas!Você me dá uma?

NOITE Dou sim.Fecha os olhos.( O LEITEIRO FECHA OS OLHOS) Agora,le- vanta a mão para o céu.( O LEITEIRO LEVANTA A MÃO PARA O CÉU E FICA ASSIM POR UM MOMENTO.A NOITE SE DISSOLVE NA NOITE: NO PALCO ENTRA UM LAMPÍO DESSER ATRÁS, A GASINHO E ENTRA UM VELINHO QUE VAI ACENDÊ-LO. O VELINHO DO ENTRA, COMEÇA A RIR NA POSIÇÃO DO LEITEIRO)

LEITEIRO Ah,é sempre assim;ela promete que vai me dar uma estrela e desaparece!

TEMPO Eh,eh,eh!Sempre que eu passo por aqui você está querendo que a menina noite te dê uma estrela!Eh,eh,eh,que bobagem rapaz, que bobagem!

LEITEIRO Bobagem por que?

TEMPO Porque elas são todas suas.

LEITEIRO Minhas,coisas nenhuma!Se fossem minhas estavam aqui na minha mão.

TEMPO Eh,ah,ah,mas que bobo!E elas não estão todas aí,nos seus olhos?





LUCIA - Pois é, que dom: - agora?

CARLOS - Agora? Agora eu não sei, ora.

LUCIA - Quem sabe o aviso não é pra avisar a gente?

CARLOS - Claro, um aviso só pode ser pra avisar. Mas avisar o que?

LUCIA - Avisar, ora. Avisar do aviso.

CARLOS - Qual é a graça de avisar que está avisando? Basta avisar e pronto.

LUCIA - É, mas uma estrela é um aviso meio diferente. Nunca ninguém me avisou nada com uma estrela cadente. É a primeira vez.

CARLOS - A noite sempre dá avisos com estrelas. Ou então com cometas.

LUCIA - Vai ver que esse aviso é a idéia que a gente queria.

CARLOS - É, eu sempre ouvi dizer que uma idéia é como um aviso.

LUCIA - Vai ver que as estrelas cadentes são idéias que caem do céu prá gente.

CARLOS - Vamos até lá?

LUCIA - Pra quê?

CARLOS - Pra apanhar a idéia.

LUCIA - Ah, eu não vou não.

CARLOS - Por que?

LUCIA - Sei lá porque. Eu tenho medo.

CARLOS - Tá com medo da idéia?

LUCIA - Não, estou com medo de chegar perto dela.

CARLOS - Por que?

LUCIA - Pode brilhar demais. Aí a gente fica cega.

CARLOS - Se a gente não for não vai poder usar a idéia que a noite deu. É o mesmo que ficar cego.

LUCIA - Você acha que a gente deve ir apanhar a idéia?

CARLOS - Eu acho. E a gente não pode demorar muito não, senão a estrela afunda na terra.

LUCIA - Então não faz mal. O papai disse que mesmo quando uma idéia afunda na terra ela nasce de novo.

CARLOS - É. Mas demora muitos anos. E a gente precisa da idéia agora.

LUCIA - É bonito. Ela nasce em forma de flor.

CARLOS - Mas as flores vivem muito pouco. Eu acho bom a gente ir lá prá apanhar a estrela.

LUCIA - Você tem coragem?



TEMPO

E então, seu bobo? E então? (VAI SAINDO)

OBSERVANDO TÔDA CENA ESTAVA UM GORDINHO DE CHARUTO NA BOCA QUE SEGUE O VELHINHO PELO PALCO. QUANDO O VELHINHO SAI, FICA SÓ O GORDINHO COM O LEITEIRO.

LEITEIRO

Que velho boboca! (IMITANDO O VELHO) As estrêlas não estão nos seus olhos? E então?... Mas, espera aí. Sempre que eu abro a carroça e a menina noite acorda, começa logo a escurecer. E os olhos da menina noite estão cheios de estrêlas. E eu vejo tôdas as estrêlas que estão nos olhos dela. Se eu vejo quer dizer que elas estão nos meus olhos também. (PARA A PLATÉIA) Vocês não estão vendo a minha carrocinha? Então se vocês fecharem agora os olhos não continuam vendo? Por que? Porque ela ficou guardada dentro dos olhos de vocês, não é? Com as estrêlas é a mesma coisa. Tôda vez que a gente vê a menina noite, tem uma porção de estrêlas nos olhos dela. Mas se a gente fechar os olhos as estrêlas vem para dentro dos olhos da gente. Por isso é que o velho tanto diz que as estrêlas são tôdas minhas. E de vocês também. Quem quer estrêlas? Você quer? E você? É só olhar com os olhos bem abertos. As estrêlas são os olhos da noite. É só olhar pra menina noite que ela nos dá uma porção de estrêlas. (VENDO O GORDINHO) Oi, seu gordinho esperto, o senhor aqui?

GORDINHO

Vim dar uma olhadinha. Como vão as coisas?

LEITEIRO

Muito bem seu gordinho.

CANTANDO

Vendo leite seu gordinho

GORDINHO

De quem é esse leitinho?

LEITEIRO

Do senhor meu patrãozinho

Vendo leite bem branquinho

Bem saudável, bem fresquinho

Prás crianças agradar

GORDINHO

Isto sim é bom falar

Isto sim é ser honesto

Vender leite é um belo gesto

Faz alegre o coração

Dar saúde!

E em seu lugar

Uns cobrinhos mais ganhar



LUCIA - Então vamos lá juntos. (CANTAM)



No céu da noite, céu da noite  
Surgiu a estrela colorida  
Brilho correu sonho lembrou  
Que à noite nascem margaridas.  
No céu da noite, céu da noite  
a flor do dia vem brincar  
eu corro a noite eu corro o céu  
e colho a flor de meu pensar  
no céu da noite, Céu da noite...

CENA IV

NARRADOR - E foi assim. Lúcia e Carlos empurraram o medo e foram apanhar a estrela. Mas agora, enquanto eles vão apanhar a estrela, eu vou apresentar a vocês dois personagens novos da nossa história: O Pai e a Mãe de Lúcia e Carlos. (ENTRA LUCIA)

LUCIA - Quem é que vai fazer a minha mãe?

ATRIZ 1 - Eu, era.

LUCIA - Mas não é pra ficar mandando em mim dentro da história, é? Eu não gosto de história com gente mandona.

ATRIZ 1 - A gente conversa, não é? Manda só quando for preciso.

LUCIA - Vamos ver (SAI)

M - (PARA O OUTRO ATOR) Você quer fazer o pai?

ATOR 2 - Faça.

M - Pronto.

PAI - Eu sou o pai dos meninos. Meu nome é Jorge e ela é a minha mulher, Suzana. Nós vivemos aqui, no Vale da Lua, há muito tempo, desde o tempo em que Lúcia e Carlos não eram nascidos.

MÃE - Nós somos professores. A gente vive bem, nós não somos muito pobres.

PAI - Somos só meio pobres. Mas a vida aqui, no Vale da Lua, não é muito cara não. Dá pra gente ir vivendo. Mesmo sendo professores.



LEITEIRO As coisas vão bem, seu gordinho esperto. O senhor sabe o que eu descobri?

GORDINHO Não.

LEITEIRO Que as estrelas são os olhos da noite, seu gordinho.

GORDINHO E así?

LEITEIRO Mas que é só abrir os olhos e plusá. Tôdas as estrelas são nossas. São minhas, daquele menino ali, são do senho também, seu gordinho. As estrelas, as ruas, as casas, tudo isso é nosso. O leite que a gente vê branco e alegre nas garrafas. Tem hém é nosso. Quem quer leite? Quem quer?

GORDINHO Galinha, muita galinha... o leite é meu, que meu dono do tô das as vacas e pagou um bom dinheiro por elas. E gaste um rido dinheirinho dando capim todos os dias para elas como ram. E a carroça também é minha, e as garrafas também. E você é meu empregado. Portanto vá trabalhando de entregar o leite. Chega de conversa fiada.

LEITEIRO Mas o velho disse...

GORDINHO O que o velho disse é por causa da velhice. Ele está ficando caduco, maluco! Ora, já se viu... (PARA O PÚBLICO) Eu preciso dar um jeito. Preciso acanhar com êste negócio de ter estrela nos olhos de qualquer um. Uma lra tão boa, que podia ser vendida a um preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal, e essa pretinha sapoca da noite a esbanjar as trêlas. (RESMUNGANDO) Não está direito! Vou convocar meus cientistas, ah vou! (CANTA "A CANÇÃO DO GORDINHO ESPERTO", SURTIENDO NA CARROÇA DO LEITEIRO)

Ter o olho bem aberto  
 A bondade é desperdício  
 A amizade um malefício  
 Pois quem dá tudo que tem  
 Morre cedo e sem vintém  
 Vamos tudo aproveitar  
 Pro diabeiro aumentar  
 O trabalho do leiteiro



MÃE - E depois, nós quatro nos queremos muito. . . querer com  
viver.



PAI - Ajuda muito.

MAE - Agora vocês vão dar licença, eu vou preparar o jantar para as  
crianças

PAI - Quer que eu ajude?

MAE - Não, está quase pronto, não precisa.

PAI - Então eu vou preparar as lições de amanhã.

MAE - Quer que eu ajude?

PAI - Agora não precisa. Depois a gente conversa.

NARRADOR - Pronto, já estão apresentados

LUCIA - (TRAZENDO UMA ESTRELA) - Puxa, como é grande essa estrela que  
caiu do céu. O que é que a gente pode fazer com ela?

CARLOS - Sabe, eu tive uma idéia. A gente pode enfeitar a nossa casa  
com essa estrela. Você não acha que ia ficar bonita?

LUCIA - Ia sim. Mas a gente também podia pendurar ela na mangueira.  
Todo mundo ia ver de longe onde era a nossa casa.

CARLOS - Então vamos levar ela pra casa. Quem sabe, papai e mamãe tem-  
bém não nos dá uma idéia?

LUCIA - Vamos (LEVAM A ESTRELA PARA FORA DE CENA)

(CANTAM)

Estrelas vindas do céu  
sementes soltas no chão  
sementes são desta flor  
que trago viva na mão.  
Entre meus dedos o céu  
Espalha flores no chão  
Trago sementes nos pés  
Das flores do coração.

CENA V

(LUCIA E CARLOS ENTRAM COM A ESTRELA)

LUCIA - Olha o que que a gente trouxe!

CARLOS - Uma estrela pra enfeitar a nossa casa.

LUCIA - E muitas flores.



5

Vou barato alugar  
 Com o soprar do vidraceiro  
 Vou garrafas fabricar  
 Se tem água nas torneiras  
 Faço o leite triplicar  
 E com a luz dessas estrêlas  
 Bom dinheiro vou ganhar  
 Fico rico bem depressa  
 Eu mereço ora essa

(PARA A PLATÉIA)

Quem quer enriquecer comigo?

(PARA AS CRIANÇAS QUE RESPONDEREM EU-

Aqui, oh (INDICANDO OS OLHOS)

Esse é o irmão desse, mas todos os dois são meus.

Ninguém divide o dinheiro com os outros

Eu fico rico sozinho

Eu mereço, ora essa.

(DESCE, OLHA PARA OS LADOS, DIRIGE-SE AO LEITEIRO) (CHEGA BEM PERTO DO LEITEIRO, OLHANDO PARA TODOS OS LADOS)

Você botou bastante água no leite?

LEITEIRO Não senhor, hoje não pude botar mais que meio litro d'água em cada litro de leite.

GORDINHO Psiu, fala baixe! E por que botou tão pouca água?

LEITEIRO Porque acabou. Diz que a adutora, oh (FAZ UM GESTO IMITANDO O ARREBENTAR)

LEITEIRO Éta, gordinho enjoado; eu que inventei de botar água no leite de vez em quando prá não dar dor de barriga nas crianças, e ele agora quer que eu bote sempre, prá ganhar mais dinheiro.  
( DURANTE ESSA FALA DO LEITEIRO, TOMOU DE SUA CARROÇA E EM PASSOS MÍMICOS FAZ COMO SE ESTIVESSE AVANÇANDO. A NOITE APARECE EM CIMA DA CARROÇA.

NOITE Seu mentiroso. Você botou água para roubar um pouco de leite.

LEITEIRO Não foi! Foi por causa das crianças, prá não dar dor de barriga!

NOITE Leiteiro, eu não durmo mais na tua carroça...

LEITEIRO Está bem. Mas eu só queria tirar um pouquinho de leite prá beber. Ele agora quer misturar água em todas garrafas. Isso não





- CARLOS - É uma porção de idéias para trocar com vocês.
- LUCIA - É. Eu tive a idéia de trazer as flores pra enfeitar a casa.
- CARLOS - É eu a idéia de trazer a estrela cadente pra enfeitar mais ainda.
- LUCIA - É eu tive a idéia de trocar idéias com vocês.
- CARLOS - Não, essa idéia quem teve fui eu.
- LUCIA - Mas eu logo achei que era uma boa idéia. Onde é que vocês acham que as flores ficavam bem?
- MÃE - As flores a gente espalha pela casa inteira, nos móveis, no chão.
- LUCIA - Nos cabelos, a gente pode botar nos cabelos.
- PAI - Nas estantes dos livros.
- CARLOS PODE BOTAR no banheiro? (SAI)
- MAE - Em todos os lugares.
- CARLOS - (DE FORA) É a estrela?
- PAI - A gente pode colocar dentro de um livro. Eu acho que um livro é um bom lugar pra guardar uma estrela.
- LUCIA - É, papai. Mas aí ela vai ficar só guardada.
- PAI - (DEPOIS DE PENSAR UM POUCO) É, tem razão. Aí ela vai ficar só guardada.
- CARLOS - Então a gente precisa arranjar outro lugar.
- LUCIA - Eu acho que tive uma idéia, pessoal, eu tive uma idéia ótima!
- TODOS - Qual foi?
- LUCIA - A gente... a gente... ah, esqueci.
- MÃE - A gente coloca a estrela bem no meio da noite.
- LUCIA - Sózinha?
- PAI - É fica muito bonita uma estrela como essa, bem grande, brilhan do no meio da noite.
- LUCIA - Eu vou lá fora apanhar a noite?
- CARLOS - Eu também (SAEM)
- PAI - Isso me faz lembrar uma história. (LUCIA E CARLOS VOLTAM COM UM PANO PRETO BEM GRANDE E O ESTENDEM NO CHÃO. COLOCAM A ESTRELA NO MEIO DA NOITE. APRECIAM)
- PAI - Fei uma boa idéia.
- LUCIA - Agora a noite está ficando bonita (SENTAM-SE SOBRE O PANO, EM VOLTA DA ESTRELA)
- PAI - Era uma vez uma família, assim como a nossa: dois irmãos que



LEITEIRO Está bem, Mas eu só queria era tirar um pouquinho de leite prá beber. Ele agora quer misturar água em tôdas as garrafas. Isso não está direito. (ENQUANTO ESTÃO CONVERSANDO, VÃO ENTRANDO NO PALCO TRÊS CASAS. FORMA-SE DESSE MODO UMA RUA, COM A GARROCHINHA DO LEITEIRO, O LAMPIÃO A GÁS E AS CASAS. AS CASAS, ASSIM COMO O LAMPIÃO E A IGREJA - QUE TAMBÉM PODE ENTRAR EM CENA PARA COMPLETAR A RUA - DEVEM SER FEITAS COM ESSES SANDWICHES DE PROPAGANDA COM A BARRADA PINTADA, LEMBRANDO AS CASINHAS DE OURO PRETO. AS SUPERFÍCIES DEVEM TER A MEDIDA SUFICIENTE PARA SÓ DEIXAR APARECER OS PÉS DO ATOR E A CABEÇA. CADA ATOR PODE REPRESENTAR SUAS CASAS, UMA EM CADA LADO DO SANDWICH. NESTE CASO ACONSELHA-SE QUE NA PARTE DE TRÁS DA CABEÇA HAJA UMA MÁSCARA, DE PREFERÊNCIA SEM ENGRAÇADA) Lampião, você me ajuda a pôr leite nas casas?

LAMPIÃO (ACORDANDO) Ah...O que?

LEITEIRO Já estava quase apagando, hein? Cuidado, se o gordinho te vê assim, vai te botar no ferro velho!

NOITE Eu vou acordá-lo. (COMEÇA A CUTUCAR O POSTE ENISE A RIR)

LAMPIÃO Ai, menina noite, ai, não faz cobegas, ai, ai, assim não!

NOITE Acorda, seu lampião, acorda!

LAMPIÃO A culpa de eu apagar é sua, menina noite. Sempre que você passa por aqui me faz esfumar com esta mãozinha mágica. Dá um sono!

LEITEIRO Lampião, você me ajuda a distribuir o leite nas casas?

LAMPIÃO Ajudo sim. Vamos lá.

NOITE Enquanto vocês apanham os litros, eu vou acordando as casas...

LEITEIRO Está bem.

(SEGUE-SE A CENA DA DISTRIBUIÇÃO DO LEITE. A NOITE VAI ACORDANDO AS CASAS E O LEITEIRO E O LAMPIÃO DISTRIBUINDO O LEITE, DE POIS DE PERGUNTAR A CADA CASA DE QUANTOS LITROS ELAS PRECISAM. ENTRA AQUI A "CANÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DO LEITE"

Olha o leite  
 Acorda gente  
 Quem quer leite?  
 Eu trago leite prá vocês





se chamavam Lúcia e Carlos e os pais deles. Eles não eram ricos, nem pobres, eram só meio pobres...

LUCIA - (INTERROMPENDO) Ora, isso voce já disse não tem nem cinco minutos.

PAI - Eu já disse?

N - Quem disse fui eu.

LUCIA - Não importa. Ele agora está repetindo. Assim não tem graça. Voce repete toda hora, ora.

N - Mas é porque a história foi interrompida.

PAI - Por isso eu estou repetindo um pedaço, senão ninguém entende.

LUCIA - Ah, entende sim. Que mania de pensar que os outros são bobos.

MÃE - Lucia, deixa ele continuar. Por isso é que ele tem que repetir. Se a gente interrompe.

LUCIA - Eu?

MÃE - Voce sim. Voce não lembra? Voce não queria nem se chamar Lucia.

CARLOS - Está vendo? Agora está voltando tudo de novo. E de novo.

LUCIA - Vai dizer que a culpada sou eu.

N - Posso continuar a história?

LUCIA - Pode, mas eu não brinco mais nessa história.

MÃE - Lucia!

LUCIA - É mesmo. Eu sou a culpada de tudo, pronto. Não quero mais.

MÃE - A gente estava só conversando.

CARLOS - Voce quer sempre ter razão.

LUCIA - Pois é. Por isso mesmo eu não brinco mais.

N - Se voce não quiser brincar, não brinca. Mas eu vou continuar a história.

LUCIA - Continua. Pode continuar. Mas eu vou ficar só olhando.

N - Está bem. Era uma família feliz, até. Mas Lúcia e Carlos tinham uma tristeza. É que eles gostariam de ter um boizinho pra brincar. Então um dia eles tiveram uma idéia... (PARA CARLOS) Vai!

CARLOS - (BAIXO) Não posso! (LUCIA, SENTADA COM OS JOELHOS ENTRE AS MÃOS, FAZ CADEIRINHA DE BALANÇO, TRIUNFANTE)

N - Ué? Por que?

CARLOS - Sezinho?

N

- O que é que tem?



3

Leite claro sem mistura  
Leite alegre da fartura  
Pra mãezinha de vocês

Olha o leite  
O leite puro  
Olha o leite  
Olha amigo  
Eom amigo  
O que êste amigo  
Trouze hoje  
Pra você

Leite claro sem mistura  
Leite alegre da fartura  
Pro paizinho de vocês.

(DURANTE A DISTRIBUIÇÃO AS TRÊS CASAS E A IGREJA FORMAM POSIÇÃO DE DIVERSOS MODOS? PARECENDO QUE O LEITEIRO, O LAMPIÃO E A NOITE PERCORERAM VÁRIAS RUAS. AS CASAS DEVEM ALTERNAR-SE NÃO SÓ NA POSIÇÃO COMO TAMBÉM NAS FACHADAS A MOSTRAR, TORNANDO ASSIM BEM DIFERENTES AS RUAS. NO FUNDO DA ÚLTIMA RUA A SER FORMADA APARECERÁ O GORDINHO ESBERTO ACOMPANHADO DE UM CIENTISTA. ÊLES DEVEM EVITAR O LEITEIRO E O LAMPIÃO, ESCONDENDO-SÊ ATRÁS DAS CASAS. DEPOIS COLOCAM-SE QUASE NO PROSCÊNIO E COMENTAM.)

GORDINHO - Estê vendo a alegria deles, está vendo? Você tem que dar um jeito de acabar com isso, com êsse desperdício de estrêlas, de energia, de luz.

MISTER - A alegria eu estou vendo. E, como especialista em acabar com a alegria dos outros, posso garantir que vou acabar com a dêles. Quanto a estrêlas, luz, etc, sinto muito mas não é comigo. Sô entendo de acabar com a alegria dos outros. Mas eu conheço outro especialista...

GORDINHO - Ah, um cientista, um técnico em luz? Ótimo, ótimo!

MISTER - Um cientista não, eu não conheço. Eu conheço um especialista em conhecer cientistas, que talvez conheça um cientista





- CARLOS - É a minha irmã?
- N - Ela não quer mais brincar. A gente tem que fazer sem
- MÃE - Deixa. Eu faço o papel da Lúcia.
- LUCIA - Ah, mas assim não vale!
- MÃE - Você não quer mais brincar, alguém tem que fazer o papel de Lúcia.
- LUCIA - Mas ela não pode. Ela não se chama Lúcia. Ela se chama Suzana.
- N -- Mas ela não vai ser a Lúcia. Ela vai só fazer o papel dela. Não foi você mesma que disse que personagem tinha que ter outro nome? Ela agora vai ser personagem, pronto. Vai ter outro nome. E a Lúcia vai deixar de ser você. Vai ser um personagem de nossa história.
- LUCIA - Ah, não! De jeito nenhum! Se ela for representar o meu papel, vai fazer uma Lúcia quistinha, boazinha, toda boba, só prá mim não dar mais trabalho. Deixa que eu me faço como bem entender.
- N - Está bem, está bem. Eu vou continuar a história. Agora, ninguém pode mais sair dela. Que sair não volta mais.
- CARLOS - É. personagem que sai não pode voltar mais. Pelo menos nessa história.
- N - Então vamos continuar. Era uma família feliz, até.
- LUCIA - Hum!
- M -- (RÁPIDO) Eu estou repetindo, mas é só um pouquinho, pra retornar o fio. Lúcia e Carlos estavam tristes. Mas um dia eles tiveram uma idéia...
- CARLOS - Vamos inventar um boizinho?
- MÃE - A gente já tem uma estrela e a noite.
- LUCIA - É uma perçãe de flores.
- PAI - Tem também os livros, olhem. Eu enfeito o boizinho com as letras dos livros.
- CARLOS - E eu vou fazer de as palavras.
- LUCIA - Eu vou trazer umas raízes
- CARLOS - Pra que?
- LUCIA - Pra fazer a armação do boizinho (SAI)
- PAI - Boa idéia.



que talvez conheça um técnico em luz, que talvez conheça um especialista em estrélas, que...

GORDINHO - Chegai!!! Eu te contratei para acabar com a alegria dêles. Falando dêsse jeito você vai é acabar com a minha alegria. Vamos procurar o tal cientista?

MISTER - Cientista não. Especialista.

GORDINHO - (NERVOSINHO) Tá bem. Especialista!!!...

MISTER : Podemos ir. (MAS QUANDO SE DISPÕEM A SAIR, O LEITEIRO CHEGA PERTO DELES)

LEITEIRO - Ué! Das casas novas. Você conhecia essas casas, Lampião?

LAMPIÃO - Não!

NOITE - Devem ter sido construídas durante o dia, porque eu também não conheço.

LEITEIRO - Precisamos dar leite para elas também. (DIRIGE-SE À CASA DO GORDINHO) quantos litros você quer? (DA CASA SAI SÓ UM BRAÇO LIDICANDO DOIS LITROS COM OS DEDOS) Engaçado! Ache que essa casa é do seu gordinho. A mão é igualzinha à dele. (DIRIGINDO-SE À OUTRA CASA) E você, quantos litros quer?

MISTER - Infelizmente não posso responder. Sou apenas especialista em... (A MÃO DO GORDINHO SAI DA OUTRA CASA E DÁ UM TAPA NO MISTER QUE O FAZ DESAPARECER DENTRO DA CASA)

LEITEIRO - Ih, olha só. Estão brigando. Bem, não faz mal. Vou deixar um litro de leite pra você tomar quando acabar essa discussão. E enquanto vocês brigam nós cantamos. (CANÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DO LEITE. A SEGUIR O LEITEIRO DÁ A MÃO AO LAMPIÃO. E A NOITE AO VELHO TEMPO QUE VINEA PASSANDO. OS QUATRO VÃO DANDO A MÃO ÀS CASAS E COMEÇAM A DANÇAR NO MEIO DO PALCO. O GORDINHO E O MISTER FICAM PARADOS DURANTE ALGUM TEMPO. DEPOIS LEVANTAM POUCO A POUCO A CABEÇA E CONSPIRAM)

GORDINHO - Como é? Vamos ou não vamos procurar o tal especialista?

MISTER - Nós temos que esperar. Ele mora numa daquelas casas que estão dançando com o Leiteiro. Temos que esperar que elas adormeçam.

GORDINHO - E quanto tempo vai demorar?





MÃE - A gente pode chamar também os passarinhos.

LUCIA - E todas as árvores

PAI - A gente pode colocar a nossa casa.

CARLOS - Então a gente pode colocar no manto do boizinho todo o Vale da Lua! (COMEÇAM A CANTAR ENQUANTO O BOIZINHO VIA SENDO FORMADO):

Com o véu da noite  
eu faço o manto  
com a voz de dia  
semeio o canto  
venho estas flores  
espalhar  
Eu trago estrelas  
e o luar  
Deixo palavras  
sobre o manto  
Ponho alegria  
esqueço o pranto  
Eu trouxe a vida  
Invento a cor  
Com esta fita  
enfeito o amor  
Vem meu boizinho  
vem dançar  
na melodia  
que há no ar.

(NO FINAL O BOIZINHO JÁ ESTÁ FEITO. DÃO-SE AS MÃOS E A MELODIA SE TRANSFORMA NUMA CIRANDA NORDESTINA QUE É CANTADA E DANÇADA EM VOLTA DO BOI)

Ne véu o manto  
e dia canto  
Na flor estrelas  
e o luar  
na fala a vida  
alegria amor



- MISTER - Não sei. Só perguntando a um especialista em sono de casas. Eu sou apenas especia...
- GORDINHO - Já sei, já sei. (IMITANDO O MISTER) Especialista em acabar com a alegria dos outros.
- MISTER - Ah! O senhor também?
- GORDINHO - Também e que?
- MISTER - Também é especialista em acabar com a alegria dos outros? Muito prazer, caro colega.
- GORDINHO - Não!!! (GORDINHO SOME NA CASA. O MISTER NÃO ENTENDE E SOME TAMBÉM. GORDINHO REAPARECE, PÕE A MÃO NO QUEIXO, COM CARA DE POUCOS AMIGOS) Eu estou desconfiado que esse Mister não é lá muito inteligente. (PAUSA) Aquêles não acabam mais de dançar. Com certeza vão ficar assim até amanhã. Deixa ver... (PENSA, HESITA, AVANÇA, RECUA. DE REPENTE:) Ah, genial, genial. Eu sou um gênio! Ei mister, mister!
- MISTER - (SE ESPREGUIÇANDO) Ahmm...
- GORDINHO - Tive uma idéia, mister! Uma idéia genial!
- MISTER - Como? O senhor também tem idéias? Formidável!
- GORDINHO - Espera aí, mister. Não fala que a idéia foge... Olha, nós não vamos mais precisar de especialista nenhum. Eu posso me arranjar com você mesmo. Olhe, assim que eles adormecerem, nós vamos... (APROXIMA-SE DO MISTER E COMEÇA A COCHICHAR; ESTE, DE VEZ EM QUANDO, SOLTA UM "FORMIDÁVEL") E então? que tal?
- MISTER - Formidável! Formidável!
- GORDINHO - Isso mesmo. Você vai ser promovido a especialista em disco quebrado. Formidável, formidável, formidável. Bem, e agora vamos dormir um pouco. (PRO GRUPO QUE ESTÁ DANÇANDO OUVIR) Já está amanhecendo. (AFUNDAM OS DOIS NAS CASAS. A CENA DO FUNDO VAI PARANDO, AS CASAS SE ESPREGUIÇAM E VÃO SE COLOCANDO EM POSIÇÃO DE RUAS. O TEMPO VAI EMBORA. O LÂMPIÃO VAI APAGANDO, O LESTEIRO ABRE A PORTA DA CENOURA CIMA E A NOITE ENTRA PARA DORMIR. COMEÇA A ENTRAR. ENTRA A MÚSICA DO AMANHECER)





Esquece a dar  
no ar mil fitas  
enfeitar  
noite boizinho  
vem dançar  
lara-lara-lalalala  
Esta ciranda  
vem cantar.

(DE REPENTE NOTAM QUE O BOIZINHO NÃO ESTÁ DANÇANDO. PERMANECE NO CENTRO, PARADO. SENTAM-SE EM VOLTA DELE)

CARLOS - Ele ficou um becado bonito.

LUCIA - É, mas não está dançando.

MÃE - Eu acho que ele ainda não sabe.

PAI - Sabe sim. Todo boi sabe dançar.

MÃE - É que ele nasceu agora.

PAI - Não tem impertância. Boi já nasce dançando.

LUCIA - É. Mas o nesse não dança. Ele nem se mexe.

CARLOS - O que é que a gente pode fazer pra ele dançar?

PAI - A gente pode cnatar mais um pouco. Quem sabe ele se anima?

LUCIA - Eu já sei porque é que ele não dança.

CARLOS - Porque?

LUCIA - É que a gente esqueceu de dar um nome prá ele. Ele não é personagem. Per isso não sabe dançar.

MÃE - En tão vames procurar um nome!

LUCIA - Ô, seu inventador de histórias! Cumé que é? O senhor faz a história e não sabe dar nome ao boi?

M - Vames todos procurar um nome para ele.

(SAEM PROCURANDO UM NOME. PODEM PEDIR SUGESTÕES ÀS CRIANÇAS. COMEÇAM A CHAMÁ-LO PELOS DIVERSOS NOMES, MAS ELE PERMANECE IMÓVEL. LUCIA DESCOBRE O NOME: ESTRELA. MAS O BOIZINHO NAO SE MOVE)

CARLOS - Não adianta. Ele agora já tem um nome mas não se move.

LUCIA - O que é que a gente faz, hem?

MÃE - Não sei.

PAI - A gente pode chamar o nome del todo mundo junto e bem baixinho. Quem sabe ele não gosta?

MÃE - Vamos tentar?



- GORDINHO - (DEPOIS DE ALGUM TEMPO) Ei, Mister, mister! Acorda. (NÃO HÁ RESPOSTA. GORDINHO INSISTE NOVAMENTE. NÃO OBTÉM RESPOSTA. TIRA ENTÃO DE SUA CASA UM DESPERTADOR, COLOCA A MÃO DENTRO DA CASA DO MISTER E FAZ O MESMO FUNCIONAR. O MISTER DÁ UM PULO E SAI DE CASA CORRENDO)
- MISTER - Socorro, help, polícia, corpo de bombeiros, help! O GORDINHO TAMBÉM SAI DA CASA TENTANDO ACAIMAR O MISTER. ESSE PULO NAS COSTAS DO GORDINHO) Help, help!
- GORDINHO - Mister, você não se envergonha? Um cientista com medo de despertador?!
- MISTER - Ah, foi um despertador... (DESCE UM POUCO ENVERGONHADO. EXAMINA O RELÓGIO) Tão pequenininho e tão barulhento! Extraordinário!
- GORDINHO - É, mas isso agora não importa. Já amanheceu. Vamos ao nosso plano.
- MISTER - Estou às suas ordens!
- GORDINHO - O.K. (OS DOIS SE APROXIMAM PÉ ANTE PÉ DA CARROCINHA DO LEITEIRO, TIRANDO ANTES DAS CASAS VÁRIOS INSTRUMENTOS: UM GRANDE FOLE, UMA REDE BASTANTE GRANDE, UMA LANTERNA, ETC.
- ... APROXIMAM-SE DO LEITEIRO, QUE ESTÁ DORMINDO DEBAIXO DA CARROÇA. O GORDINHO TOCA UM SINO QUE IMITA O DA IGREJA E O MISTER COLOCA-SE COM O FOLE À FRENTE DO LEITEIRO. QUANDO ESTE COMEÇA A ACORDAR, O MISTER APERTA O FOLE. O LEITEIRO CAI DE NOVO PARA TRÁS; A SEGUIR O MISTER COLOCA-SE COM O SACO EM UM DOS LADOS DA CARROÇA, ENQUANTO O GORDINHO ABRE-LHE A PORTA E, BATENDO, IMITA A VOZ DO LEITEIRO) Noite, acorda noite! (COMEÇA A ESCURECER, E DEPOIS DE ALGUM TEMPO A NOITE SAI DA CARROCINHA) Agora, Mister, agora! (O MISTER JOGA A REDE EM CIMA DA NOITE ENQUANTO O GORDINHO TAPA-LHE A BÓCA COM UMA MORDAÇA) Ah, ah, ótimo, Mister, ótimo serviço. Ah, ah, agora que a temos bem prêsa, evitaremos esse banha-mento de estrêlas. Vamos tirar t'ôdas as estrêlas dos olhos e vendêlas aos homens. Vai ser um sucesso.





TODOS - (BAIXINHO, QUASE SUSSURANDO): Estrela!

LUCIA - (DEPOIS DE UM TEMPO) Nada. Nem um movimentezinho.

M - Olha, vames fazer o seguinte. Eu vou continuar contando a história. Eu acho que com a continuação da história, o beizinho vai dançar.

LUCIA - É continua contando. Mas sem repetir.

N - Está bem. E todos ficaram tristes porque o beizinho não sabia dançar. Fei então que a brisa apareceu (OS ATORES COMEÇAM A SOFRAR, FAZENDO A BRISA. O SOBRO VAI SE TRANSFORMANDO EM MÚSICA DE FLAUTA. SE POSSIVEL UM DOS ATORES DEVE SER O FLAUTISTA) (DEPOIS QUE A MUSICA SE FEZ OUVIR): e começou tecar nos bambus uma música que inundou todo o Vale da Lua, desceu pela correnteza dos riachos, brincou com folhas e flores, acariciou o rosto e enxugou nos olhos das crianças a tristeza (OS ATORES (COMEÇAM A DANAÇAR COM PANOS E ELEMENTOS DE CENA)... e levemente sepreu seu movimento sobre o beizinho. (O BOI COMEÇA A SE LEVANTAR. UMA DANÇA LENTA, ONÍRICA. A CENA É LIVRE, PARA SER DESENVOLVIDA POR ATORES E DIREÇÃO. A MUSICA NÃO DEVE TER LETRA. O TEMPO FICA AO SABOR DAS INVENÇÕES DO PRÓPRIO ESPETÁCULO)

N - ... e fei assim que foram inventadas as flautas e as cirandas. (A MELODIA E O OLIMA ANTERIORES SÃO QUEBRADOS. IRROMPE UMA CIRANDA ALEGRE. TODOS CANTAM E DANÇAM)

Lua luar  
Cantei cantar  
Vem meu beizinho  
Vem dançar  
Uma ciranda  
cirandai  
De flores tantas  
Celerida  
Uma guirlanda  
te mandei  
Botões de rosa



(DIZ UM SLOGAN) Não deixe que a noite entre em sua casa. Ilumine-a com lâmpadas Gordinho Esperto. As Lâmpadas Gordinho Esperto prolongam sua vida!

MISTER - (SEM SOTAQUE) Isso mesmo, e podemos até colocar lâmpadas nas ruas. Podemos acabar com a alegria desses lampiões velhos e feios, colocar uns moderninhos e, o que é muito importante, podemos ganhar com isso muito dinheiro...

GORDINHO - Ai mister! Basta sentir o cheiro do dinheiro pra você aprender até a falar português! Mas vamos logo para o laboratório, daqui a pouco o leiteiro acorda, e se nos pega aqui vai ser o diabo.

MISTER Vamos, vamos logo! (SAEM. LOGO QUE SAEM, O SINO DA IGREJINHA COMEÇA A TOCAR AO LONGE)

LEITEIRO - (ACORDA, SE ESPREGUIÇA, DEPOIS DÁ UM SALTO) Ué, que horas serão? (VÊ A PORTA DA GARROÇA ABERTA) A noite já saiu. Está tudo tão escuro... Mas se os sinos da igreja só agora estão tocando! E o seu tempo ainda não passou para acender o lampião. (PARA A PLATÉIA) Vocês viram a menina noite sair? (O ATOR DEVE CONDUZIR AS RESPOSTAS DAS CRIANÇAS) Com quem? Com o seu Gordinho? Onde é que ela foi? Enfiaram a menina noite num saco? Meu Deus, eu preciso soltar a menina noite. (ENTRAM DOIS ROBÓS E LEVAM O LAMPIÃO VELHO) Ei, que é isso? Deixem o meu amigo em paz! (UM DOS ROBÓS DÁ UM TAPA NO LEITEIRO QUE CAI LONGE). OS ROBÓS TÊM NA ROUPA UM EMBLEMA COM AS LETRAS G. E. O LEITEIRO LEVANTA-SE MEIO ATORDOADO) Meu Deus, não sei mais o que está acontecendo. Está escuro. Mas eu não conheço essa noite. Não tenho mais estrélas nos olhos? Noite, onde estão os seus olhos? É você que está aí? (PAUSA) Não responde... (PAUSA) E o meu amigo Lampião? Aquêles homens na certa vão machucá-lo. Bem, de qualquer modo, eu tenho de entregar o leite. Não adianta chorar. Não vai resolver nada. (PEGA A GARROCINHA E COM OS MESMOS PASSOS DA PRIMEIRA CENA COMEÇA A PERCORRER SUAS RUAS. SÓ QUE AGORA VAI ACABRUINHADO. EM CÂMARA LENTA, A GARROÇA QUE VAI AVANÇANDO, AS CASAS VÃO ENTRANDO, AGORA SÓ O LUMIÃO...



Margarida  
Lua luar  
Beijando o mar  
Eu girandai  
No teu olhar  
Vem meu beisinho  
Girandar  
Meu bei estrela  
estrela de mar.

#### CENA VI

- N - E o beisinho dançou
- MÃE - Dançou tanto que fez parar na cidade
- LUCIA - Na cidade era tudo diferente
- CARLOS - Não tinha Vale
- MÃE - tinha céu, mas quase ninguém podia ver.
- LUCIA - Tinha lua e ninguém sabia
- CARLOS - Bei não tinha.
- N - Na cidade, nunca ninguém tinha visto um beisinho.
- LUCIA - Em compensação na cidade tinha uma porção de coisas: televisão, aviões, contra-mão, automóvel, imóvel, imobiliária, subsidiária, edifício, estrupício, esquizefrênico, papel higiênico, funcionário, solitário, extra-numerário, antena que faz pena, e o cárcão, reuba-céu...
- N - Lucia e Carlos também foram com o beisinho para a cidade. Na cidade era tudo diferente
- tanto edifício
- tantas ruas
- tanta gente
- Na cidade as pessoas não se olhavam
- não sorriam
- não se viam
- não se amavam



DAS E SÃO EDIFÍCIOS. VÃO TAMBÉM ENTRANDO NO PALCO LÂMPADAS ELÉ-  
TRICAS. NA PORTA DA IGREJINHA, O VELHO TEMPO PEDE ESMOLAS. O LEI-  
TEIRO, POR UM MOMENTO É FECHADO NO MEIO DOS EDIFÍCIOS) Que  
luzes são essas? Onde está minha amiga noite? Que rua é essa?  
E as casas? Por que cresceram tanto? Noite? Noite? Que lugar é  
êsse? (O VELHO TEMPO LEVANTA DA PORTA DA IGREJA E VEM FALAR)

TEMPO - Calma, meu filho. Não fique nervoso. A noite está muito perto.  
Só que está escondida atrás dos rouba-céu.

LEITEIRO - Rouba-céu?

TEMPO - É. São essas casas altas que o seu Gordinho mandou construir.

LEITEIRO - Pra que?

TEMPO - Pra ganhar mais dinheiro com a venda das estrêlas.

LEITEIRO - Ih, seu Tempo, não estou entendendo nada..

TEMPO - Eh, eh, eh, não se afobe, nós já vamos chegar lá. Você sabe que  
os olhos da noite estão cheios de estrêlas, não sabe?

LEITEIRO - Sei. Foi o senhor mesmo que me contou.

TEMPO - Pois é. O Gordinho Esperto e o Mister roubaram os olhos da noite.  
Agora, de cada estrêla que eles tiram f dos olhos dela fazem uma  
dessas lâmpadas. Depois vendem as lâmpadas e ganham bastante  
dinheiro. Por isso mandaram contruir êsses rouba-céus. Dentro  
dêles é muito escuro e as pessoas não se vêem direito. Moram  
umas por cima das outras. E pra não se pisarem têm que comprar  
muitas lâmpadas do Gordinho Esperto.

LEITEIRO - Então nós temos que quebrar tôdas as lâmpadas para soltar as  
estrêlas.

TEMPO - Ih, isso não adiantaria, meu filho. A terra anda muito escura  
porque há muitas pessoas como o Mister e o Gordinho Esperto.  
Especialistas em ganhar dinheiro. Se você quebrar as lâmpadas,  
as estrêlas que estão lá dentro morrerão. Não vão brilhar mais.

LEITEIRO - Quer dizer que a Menina Noite desapareceu para sempre?

TEMPO - Não, meu filho. E você pode vê-la. Amanhã bem cedinho, entre  
o último canto do galo e a alvorada, apanhe um litro de leite,  
dois pães e vá até o morro. Chegando lá, pergunte onde mora o  
menino que passa fome mas continua a ser menino. Ele te dirá  
onde encontrar a noite e como libertar-lhe os olhos.



Na cidade as orianças nem sabiam  
que o sol e a lua  
sobre o mar  
se refletiam.

CARLOS - Lúcia, sabe o que a gente vai fazer agora?

LUCIA - O que?

CARLOS - Vamos colocar uma porção de espelhos no manto de beixinho.

LUCIA - E por onde ele passar as pessoas vão se vender!

CARLOS - E os espelhos vão guardando tudo dentro dele.

LUCIA - E assim tudo o que existir na cidade vai ficar no manto de beixinho.

CARLOS - E tudo o que estiver no manto de beixinho vai estar na cidade também. (CANTAM).

A cidade vai ter flex  
ter um céu  
cheio de estrelas  
Muitas noites de luar  
vai ter luz de vagalume  
vai ter brisa beira mar

LUCIA - Vai ter uma porção de árvores

CARLOS - Vai ter muito passarinho, mangueira no fundo de quintal

LUCIA - Vai ter quintal, criança brincando de rede.

CARLOS - Pode até ser um lugar bom da gente morar de vez em quando.

(CANTAM)

E quando o beixinho dançar  
Mil serrises vai mostrar  
Das pessoas que vêm o céu  
sem dizer "Era uma vez"  
Que sabem que as flores  
nascem e morrem  
toda mês  
que ouvem o canto dos pássaros  
sem ser canto engaiolado  
que vêm cavaleiros marinhos



Mas antes passe na padaria do Senhor Vapor D'Água e compre dois  
pães de Nuvem. Depois, pode ir. E não esqueça, hein? Entre o últi  
mo canto do galo e a alvorada!...

LEITEIRO - (CANTA)

Entre o último canto do galo  
É a alvorada  
Caendo nas árvores se espreguiça  
A passarada  
Um menino hei de encontrar  
Que passa fome a brincar  
Consegue a fome enganar  
Meninô, menino  
É tão difícil ser menino  
Tendo a fome que enganar.

É mesmo! Se ele passa fome e continua a ser menino é porque é  
muito sabido. Apeto que vai me ajudar a encontrar a menina noite.  
(O VELHO TEMPO VAI PASSANDO, OS ROUBA-CÉU VÃO SAINDO DE CENA.  
VÃO ESPERANDO EM CENA O MORRO E SEUS CASEBRES).

F I M D O P R I M E I R O A T O





sobre andas cavalgar  
que elham pres eutres  
cem elhar menino  
cem elhar de conversar.

N - E fei assim. O nesse beizinho começou a andar pelo meio da cidade. As pessoas paravam para ver. nas ruas es carros e ôni-bus se desviavam e es espelhes que Lúcia e Carles tinha colocado iam guardando no beizinho tudo o que existia na cidade. Tudo de bom e de ruim também.

LUCIA - Guardaram as águas do mar.

CARLOS - O recorte das montanhas...

MÃE - ... e a dureza dos edifícios.

N - Guardaram e acender das luzes no fim da tarde. (ENQUANTO VÃO PALANDO VÃO "TECENDO" MANTOS. PODEM SER PEDAÇOS SOBREPOSTOS AO PRIMEIRO)

CARLOS - Os elhares des indiferentes e e desânime des tristes

LUCIA - As mãos des que pediam e e despreze des que davam.

MÃE - Guardaram também es gestos de amor.

N - Guardaram tanta coisa que era impossível dizer onde começava e cidade e onde terminava e mante do boi estrela. Per que dentro des espelhes cabia tudo.

MÃE - Até mesmo um personagem novo da nossa história.

(CANTAM)

Quem será que vem  
que agora aparece?  
De braços tem cem  
Tedo dia cresce  
Quem é que atravessa  
Dias e noites  
Seus dedos estalam  
São mil ageites.

NARRADOR - A bruxa Violência!

Lá vem ela  
Se chama violência



ATO 2

( MÚSICA NO ESCURO)

Vai leiteiro  
Leiteirinho  
Corre e anda  
Bem depressa  
A ~~manhã~~ encontrar  
Um menino  
O tal menino  
Que nem fome  
Apesar  
De tanta fome  
Não esquece  
De brincar  
Vai leiteiro  
Leiteirinho  
Bem depressa  
Procurar  
Um menino  
Que com fome  
De menino  
Com a fome vai brincar

Leva o pão  
Não esquece o leite  
Estende a mão  
Ao menino  
Que apesar  
De passar fome  
Gosta ainda  
De brincar

( A LUZ VAI ACENDEDO EM RESISTÊNCIA.  
EM GERA UM MENINO PRETINHO COMO A  
MENINA NOITE, ESTÁ FAZENDO UM PAPA-  
GAIO)





ela é aquela  
 que corre nas ruas  
 seu desespero  
 ela é aquela  
 que risca no asfalto  
 seu resto sem resto  
 seu desamor

(ENQUANTO GANTAM VAO RETIRANDO OS DIVERSOS MANTOS QUE FORAM SUPERPOSTOS AO MANTO ORIGINAL DO BOIZINHO E JOGANDO-OS PARA O ALTO. DOIS ATORES PEGAM UM MANTO ONDE ESTÁ DESENHADO UM AUTOMÓVEL E CRUZEM A CENA COM ELE, CORRENDO. NA SONOPLASTIA, RUÍDOS DE FREADAS DE CARROS E BUZINAS SE MISTURANDO AO CANTO DOS ATORES. QUANDO SÓ RESTAR SOBRE O BOIZINHO O PRIMEIRO MANTO O CARRO VAI SOBRE ELE)

LUCIA - Ouidade, bei Estrela!

CARLOS - Olha o carro! (BLACK-OUT - VOZ NO ESCURO)

M - Dentre dos espelhos cabia tudo (ALGUNS FOCOS DE LUZ INCIDEM SOBRE PEDAÇOS DE ESPELHO NAS MÃOS DOS ATORES, QUE JOGAM PONTOS DE LUZ SOBRE A PLATÉIA, COMO AS CRIANÇAS COSTUMAM FAZER QUANDO ESTÃO BRINCO DE REFLEXOS COM O SOL) ... Ceube até uma imagen que de repente se multiplicou per mil pedaços de espelho espalhados no asfalto. A imagen de um carre em alta velocidade que numa e das ruas da cidade atrepelou e mateu e nosso beizinho. (ACENDEM DE NOVO TODAS AS LUZES) - (SILÊNCIO)

MÃE - Hum bem que não queira entrar nessa história.

CARLOS - É. Vece pedãa ter centade uma história mais alegre.

M - Mas esta história é alegre.

LUCIA - Alegre ceme? O beizinho merreu, elha aí. Onde é que você está vende alegria. Sem beizinho acabou a história.

PAI - E acabou de um jeito muito triste mesmo. (PAUSA)

M - Mas aí é que está. Acabou per que? A estrela não está aí, in-teirinha?

LUCIA - Está. E daí?



LEITEIRO (CHEGANDO COM A GARRAFA DE LEITE E O PÃO NA MÃO) Oi.

MENINO Oi.

LEITEIRO Bom dia.

MENINO Bom dia, amigo leiteiro. Pode entrar.

LEITEIRO Como é que você sabe que eu sou o leiteiro?

MENINO A noite me falou muito em você.

LEITEIRO Noite esteve aqui?

MENINO Ela vem sempre aqui. Não quer sentar? (OPERECE UM GAIXOTE)

LEITEIRO Obrigado. Ah, ia me esquecendo. Isso é para você. (MOSTRA O PÃO E O LEITE)

MENINO Óba, que bom. Muito obrigado! Dá licença. (PEGA O LEITE. VAI APANHAR UMA LATA QUE FAZ ÀS VÉZES DE COPO. ENCHE-A, ABRE O EMBRULHO ONDE ESTÃO OS PÃES E PÕE-SE A COMER E A BERER À-VIDAMENTE ENQUANTO O LEITEIRO O OBSERVA).

LEITEIRO Puxa! Você está com uma fome danada, he?

MENINO Se estou. Tem uns três dias que eu não como.

LEITEIRO Prá que essas pipas?

MENINO Prá bincar, prá vender. Você quer?

LEITEIRO Uma pipa?

MENINO Não, um pedaço de pão.

LEITEIRO Não obrigado, já comi.

MENINO Quer uma caneca? (ESTENDE O LEITE)

LEITEIRO Também não. Me diz uma coisa.

MENINO O que é?

LEITEIRO Você é o menino que passa fome e continua menino?

MENINO Sou.

LEITEIRO Você sabe onde está a noite?

MENINO Sei, está aqui.

LEITEIRO Aqui onde?

MENINO Olhe bem. No fundo dos meus olhos. Noite agora é o menino dos meus olhos. Olhe bem.

LEITEIRO É verdade, ele está lá. Está dormindo no fundo dos meus olhos. Noite, vem cá, noite. Vem falar comigo. (A LUZ DO MENINO DESAPARECE E GURGE NO PALCO A MENINA NOITE SOB A LUZ AZUL QUASE DE SONHO. A MENINA NOITE VEM DE OLHOS CHADOS E ESTENDE AS MÃOS COMO SE FOSSE UMA CEGUINHA).



N - Daí que a idéia ainda não morreu. Se a gente pagar a se-  
pedira uma coisa com muita vontade... Se a gente imaginar uma  
coisa e acreditar nessa idéia... Per exemplo: a gente podia cha-  
mar todos os desses amigos, se a gente chamar as lendas e os bi-  
chos...

CARLOS - O macacé que é sabido.

MÃE - e Cavalá marinhe!

LUCIA - E se a gente chamar todo mundo e fizer uma festa que nem festa  
de S. João ou de Natal, lá no Vale da Lua!...

N - Eu ache que assim e beizinho ressuscita.

CENA VII

(COMEÇAM A CHAMAR. OS DIVERSOS PERSONAGENS CHAMADOS VÃO ENTRANDO.  
É ARMADO UM PALQUINHO DE FANTOCHES. OS PERSONAGENS CHAMADOS SÃO  
COMPONENTES DO "BUMBA MEU BOI". MATEUS E BASTIÃO SÃO TAMBÉM CHAMA-  
DOS E FAZEM A CENA)

MATEUS - Bastião!

BASTIÃO- (FORA DE CENA) Que é Mateus?

MATEUS - Come vai?

BASTIÃO- Come vai come?

MATEUS - Come é que vece vai?

BASTIÃO- Eu não veu. Eu vim. (ENTRA)

MATEUS - Mas come vai?

BASTIÃO- Pois se eu já disse a você que eu vim é porque eu não veu.

MATEUS - Mas assim mesmo vece vai.

BASTIÃO- Eu já disse que eu não veu. Eu venho?

MATEUS - Mas vece vai bem, vai mal, come está passando?

BASTIÃO- Eu também não esteu passando. Eu vim porque vim pra ficar. Eu  
não esteu passando coisa nenhuma. Eu não sou passageiro.

MATEUS - Mas vece não está bem de saúde?

BASTIÃO- Ah, de saúde eu esteu bem. E vece, come vai?

MATEUS - Eu não veu. Eu vim.



LEITEIRO Noite, noitinha, que bom que eu te encontrei. Mas o que é que você tem?

NOITE Você não sabe, leiteiro. Eu estou quase cega.

LEITEIRO Por que? Quem foi que fez essa maldade?

NOITE Foram os homens de aço do seu gordinho. Eles tiraram as estrêlas dos meus olhos.

LEITEIRO Prá que?

NOITE Prá vender.

LEITEIRO Mas ninguém pode vender estrêlas. Elas são de todos.

NOITE Eram! Agora não são não. Eles agora prendem as estrêlas nas lâmpadas e elas ficam brilhando lá dentro. Se eles distribuissem as lâmpadas até que era bom. Todo mundo ia poder levar as trêlas prá dentro de casa. Só que eles não dão. Eles vendem as lâmpadas. Por isso estou quase cega e não posso mais brincar com você ao amanhecer. Adeus, leiteirinho, adeus.

LEITEIRO Noite, noite. (NOVA MUDANÇA DE LUZ. APARECE DE NÓVO O MENINO. O LEITEIRO FALA PARA OS SEUS OLHOS) Noite! Noite!

MENINO Não se assuste, amigo leiteiro. Ela tem de ficar no fundo dos meus olhos. Ela enxerga muito pouco e aqui fora pode se perder para sempre. Deixe que ela descaia. Ela deixou um presente para você.

LEITEIRO O que é?

MENINO É uma estrêla. Uma estrêla que ela conseguiu esconder do seu Gordinho.

NOITE (OUVE-SE A VOZ DA NOITE EM PLAY-BLACK) Meninho, olhe bem no fundo dos meus olhos. Lá dentro está a mais bela estrêla entre tôdas as que existem. Guarde-a entre o último canto do galo e a alvorada. E, se algum dia o leiteiro vier me procurar diga-lhe ~~quaxáxaxá~~ como encontrar a estrêla grande. (OUVE-SE O CANTO DE UM GALO)

MENINO Ela está lá, está vendo? Não? Feche os olhos. Pense no amanhecer viu? É essa estrêla que aparece no horizonte. Eu gosto de chamá-la estrêla da manhã-

LEITEIRO Puxa como é bonita! (PAUSA) Menino, eu queria uma coisa

MENINO O que é?





BASTIÃO - Eu sei. Mas como vai você?

MATEUS - Se eu já disse a você que eu vim é porque eu não vou.

BASTIÃO - Mas você vai...

MATEUS - Quem sabe se vou eu não vou seu eu. Eu não vou. Eu vim.

BASTIÃO - Mas como você está passando?

MATEUS - Eu não estou passando nada. Eu não sou passageira.

CARLOS - Olha aí. Vocês estão repetindo tudo e a gente está perdendo tempo.

BASTIÃO - (PARA MATEUS) Perdendo o que? Eu não perdi nada. E você?

MATEUS - Eu também não perdi nada. Vai ver que foi ele.

OS DOIS - Nós não perdemos nada não. Não terá sido você?

CARLOS - Eu não perdi nada.

BASTIÃO - Se ninguém perdeu nada o que é que a gente está fazendo aqui?

CARLOS - Perdendo tempo.

OS DOIS - A gente já disse que não perdeu nada.

LUCIA - Ih! Chega de confusão. A gente vai ou não vai ressuscitar o beizinho?

MATEUS - O Beiz? Que Beiz?

CARLOS - O Beizinho Estrela.

BASTIÃO - Ele morreu? Chama o Deuter.

MATEUS - Mas se ele está morto, não adianta chamar o deuter.

BASTIÃO - A gente chama assim mesmo. Mesmo que não adiante a gente chama o deuter. Deuter? Deuter?

DOUTOR - O que é que vocês querem?

MATEUS E BASTIÃO - Como vai, deuter?

DOUTOR - Eu não vou. Eu vim.

MATEUS - E perdeu alguma coisa?

DOUTOR - Por que?

BASTIÃO - Por que todo mundo que veio aqui perdeu alguma coisa.

CARLOS - a gente está perdendo Tempo de Novo.

DOUTOR - Então eu vou embora.

MATEUS - Não, fica aqui Deuter.

DOUTOR - Eu não posso perder tempo.



LEITEIRO Eu queria que a estrêla de manhã estivesse nos olhos de todos os leiteiros, de todos os meninos. E queria também devolver as estrêlas da noite (prá noite). Ou então queria ter dinheiro prá comprar pelo menos um bom par de óculos prá ela.

MENINO Só tem um jeito, amigo leiteiro. Nós dois vamos juntos à cidade. Lá chegando você junta o maior número possível de litros de leite cheios de leite bem puro. E fica esperando a hora das luzes acenderem. Quando tôdas estiverem acesas eu desligo a chave que controla tôdas as lâmpadas enquanto você der xana no céu da noite o leite que estiver nos litros.

LEITEIRO E a noite voltará a ter estrêlas?

MENINO Talvez. Vamos tentar?

LEITEIRO Vamos?!

MENINO Então, a caminho. A estrêla de manhã nos guiará. (OS DOIS COMEÇAM A DESMANCEAR O BARRACO, DEPOIS DESCEM O MORRO, ENTRAM EM CENA OS ROUBA-CÉUS FORMANDO A CIDADE. ESTARDECE)

MENINO (AO CHEGAREM A CIDADE) Onde está o velho tempo?

LEITEIRO Deve estar na porta da igreja.

MENINO Vamos pedir a êle para passar por aqui bem depressa. Assim o sol pensará que está na hora de descer e os homens terão de acender as luzes.

LEITEIRO Boa idéia, espera aí que eu vou até lá.

MENINO Está bem. (O LEITEIRO SAI CORRENDO ATÉ A IGREJA ENQUANTO O MENINO VIGIA. DEPOIS VOLTA TRAZENDO COMSIGO O VELHO TEMPO, QUE FAZ UM ACENO PARA O MENINO E VAI EMBORA)

LEITEIRO Pronto tempo já passou. Agora eu vou apertar as garrafas de leite.

MENINO E eu vou esperar as luzes acenderem lá perto da chave grande.

LEITEIRO A chave é muito grande. Será que você aguenta desligar ela sozinho?

MENINO Eu peço ao pessoal aqui prá me ajudar. Quem quer me ajudar? (ARRANJA NA PLATÉIA CRIANÇAS QUE O AJUDEM A DECLIGAR A CHAVE)

LEITEIRO Boa sorte pessoal.

MENINO Boa sorte, leiteiro.



BASTIÃO - Fica, Deuter, fica.

CARLOS - A gente precisa de senhor.

DOUTOR - Pra que?

MATEUS - Pra ressuscitar o bei.

BASTIÃO - O bei estrela.

DOUTOR - Mas eu seu deuter de vive, não seu deuter de morte!

CARLOS - Mesmo assim o senhor pede examinar, não é?

DOUTOR - Examinar eu posso. Vamos ver. (EXAMINA)

CARLOS - Qual é o seu diagnóstico?

BASTIÃO - Que negócio é esse Carlos?

MATEUS - Não fica dizendo palavrão aqui não. Tem oriança!

DOUTOR - Ele está morto!

LUCIA - Ora, isso a gente já sabe

DOUTOR - Se já sabiam pra que que me chamaram?

MÃE - Pra dar uma idéia.

DOUTOR - Mas eu seu deuter, eu não deu idéias. Eu deu remédio.

BASTIÃO - O sr. bem que pedia dar um remédio pra ressuscitar o beizinho.

DOUTOR - Mas eu seu médico, não seu feiticeiro, não seu deus, não seu mágico. (SAEM TODOS OS FANTOCHES- PAUSA)

LUCIA - Eu tive uma idéia.

TODOS - Qual foi?

LUCIA - Vamos esaturar Estrela. Quem sabe ele não ressuscita.

CARLOS - Boa idéia. Mas a gente precisa de uma agulha. Quem tem uma agulha?

LUCIA - A ema tem.

CARLOS - E onde está a ema?

PAI - Ela mora muito longe. Lá no Norte, Nordeste, centro-sul. Precisa de alguém pra chamar.

CARLOS - Vamos pra beira de mar e chamamos o cavale-marinho. Ele vai pela mar até o amazonas e traz a ema. (CANTAM)

Cavale marinho

Cerre ligeirinho

Cavale marinho







a gente vai chamar  
cerre direitinho  
a ema vai buscar  
Cavale marinhe  
Galepe galepar  
Onda quebra mar  
ema vem trazende  
enda beira mar.

EMA - (SURGINDO DE REPENTE, NO PALQUINHO) Hei! Que que voces querem?

LUCIA - (DEPOIS DE UMA PAUSA) Xii! Mas é uma galinha!?!?

EMA - É mas meu apelido é Ema. O que foi?

N - Ema, nós precisamos de uma agulha pra costurar o beizinho que morreu.

EMA - Agulha? Agulha eu não tenho.

PAI - Que pena!

EMA - Pena eu tenho. Com uma pena a gente pode fazer uma agulha.

(CANTAM)

Tira pena  
De dona Ema  
Faz a agulha  
Costura e pane  
Tira a pena  
Começa agora  
Senão termina  
No fim de ano

(COSTURAM O BOI QUE FICA NOVAMENTE DE PÉ. BATEM PALMAS)

MÃE - Pronto, ele se levantou

LUCIA - É mas ainda está parado.

CARLOS - O que é que a gente pode fazer?

PAI - Vamos separar como fizemos no início.

N - É quem sabe a brisa não toca uma música e ele não dança?

(COMEÇAM TODOS A SOPRAR. PEDEM O AUXILIO DAS CRIANÇAS. PEGAM FLAUTAS E TOCAM. O BOIZENHO COMEÇA A DANÇAR. A DANÇA SE ACELERA. O BOI DANÇA ALEGRE E AVANÇA NÓS ATORES QUE SE DESVENCILHAM RINDO. CANTAM)



( A DANÇA CONTINUA, NUM PONTO DO PALCO APARECEM O GORDINHO E O MISTER)

GORDINHO Então, mister, dê um jeito de acabar com a alegria desta gente! Se não nós vamos tomar um bruto prejuizo...

MISTER Sapere. Deixe eu pensar.

GORDINHO Então pensa de uma vez. (LUZ NO LEITEIRO E EM SEUS AMIGOS QUE CANTAM)

MENINO Leiteiro, o que é aquilo lá?

LEITEIRO Ih, rapaz, acho que é o leite daquela garrafa. Estava meio azêdo. É que tinha muita água.

MENINO Parece um quêijo.

TEMPO É a lua.

MENINO Quer um pedaço de lua?

(CANTAM E DANÇAM, CORTE PARA O GORDINHO E O MISTER, OS AMIGOS DO LEITEIRO SAEM DE CENA CANTANDO. NO CENTRO DO PALCO FICAM SÓ O LEITEIRO SENTADO NO CHÃO, OLHANDO PARA O CÉU, A ESCADA, SUA CARROCIHA ABERTA E AS GARRAFAS VAZIAS DE LEITE)

GORDINHO E então?

MISTER Já sei. Vamos espalhar um boato.

GORDINHO Que boato?

MISTER Vamos dizer que o leiteiro está maluco!

GORDINHO Grande idéia, mister! Convocaremos imediatamente os nossos agentes. (TIRA UM APITO DO BOLSO E APITA. CHEGAM OS ROBOTS TRAZENDO UM ENORME TELÉGRAFO EM QUE SE VÊ ESCRITO "ÀS PRESSAS". O GORDINHO COMEÇA A DITAR A MENSAGEM E OS AUTÔMATOS A TRANSMITÍ-LA) Atenção! Há um leiteiro maluco na cidade; sua mania é dizer que deu estrêlas à noite. Cuidado! Ele é perigoso. ( UM DOS ROBOTS SAI LEVANDO O TELÉGRAFO ENQUANTO O GORDINHO, O MISTER E OS OUTROS DOIS ROBOTS SE INFILTRAM ENTRE OS MENINOS, DISTRIBUINDO VOLANTES PELA PLATÉIA: "GUIDADO COM O LEITEIRO. ESTÁ MALUCO")

LEITEIRO (SÓ NO PALCO) Puxa vida, que bonito! A gente conseguiu. Agora é só ficar aqui esperando amanhecer prá ver a estrêla grande. Será que eu vou conseguir também falar com noite?

(ENQUANTO FALA, OS ROBOTS SE APROXIMAM E SEGURAM O LEITEIRO? COLOCANDO-O NUMA CAMISA D. FÔRÇA)





Bumba meu bei bumba  
Cavale marinhe  
Vem que vem chegando  
Bem devagarinhe  
Meu bei estrela  
flor da manhã  
Celhe nos campos  
Beijos da amanhã.  
Bumba meu bei bumba  
Cavale marinhe  
Vem que vem chegando  
A história de mansinho  
Era uma vez  
Era outra vez  
Se gestou dessa  
Não espere cente tres.

\*

F I M

\*



LEITEIRO Ei, o que é isso? Parem com isso! Para onde estão me levando? Esperem ao menos que eu veja a estrêla grande. (SAEM)

GORDINHO (SEGUINDO-OS DURANTE ALGUM TEMPO) Sim, sim, você vai ver a estrêla grande.

MISTER Você verá sempre a estrêla grande. (DEPOIS QUE OS ROBOTS DESAPARECEM, OS DOIS VOLTAM-SE PARA OS HOMENS? QUE FICAM ESPANTADOS)

GORDINHO Não convém contrariar os loucos.

MISTER Não convém... (VÃO SAINDO DA CENA PELO MESMO LADO QUE SAIRAM OS AUTÔMATOS. OS HOMENS COMEÇAM A FAZER COMENTÁRIOS? QUANDO ENTRA CORRENDO O MERINGO QUE PASSA POME)

MENINO (GRITANDO PELO LEITEIRO) Leiteiro, leiteiro! (PARA OS HOMENS) Vocês viram o leiteiro?

( O TEMPO, O LAMPIÃO E AS CARIAS ENTRAM CHAMANDO PELO LEITEIRO. PERGUNTAM ÀS CRIANÇAS. QUANDO ESSAS RESPONDEM ENTRAM O GORDINHO E O MISTER)

MENINO O que é que vocês fizeram com o leiteiro?

GORDINHO Ai, mas meus amigos, que desgraça!

MISTER Que desgraça!

GORDINHO Coitadinho do leiteirinho!

MISTER Do leiteirinho!

GORDINHO Meu pobre, meu grande amigo leiteiro.

MISTER Amigão.

MENINO Que foi que o senhor fez com o leiteiro?

GORDINHO Ah, você também é amigo dêle? Muito prazer!

MISTER Muito prazer.

GORDINHO O nosso pobre amigo leiteiro antes de entregar a alma a Deus falou muito em você.

MISTER Muito mesmo.

MENINO O leiteiro morreu?

GORDINHO Não fale assim que me entristece.

MISTER Me entristece muito.

GORDINHO Diga "faleceu", é mais bonito.

MISTER Muito mais bonito.

MENINO É mentira, seu gozde de uma f. ja. Vou procurar o leiteiro! Quem quer ir comigo? (SE ALGUMAS CRIANÇAS QUIZEREM IR, O MENINO DEVE SAIR COM ELAS PARA PROCURAR O LEITEIRO. ENQUANTO



MISTER Está nervoso, o uriolinho.  
GORDINHO ( RINDO ADARELO PARA A CRIAÇÃO ) É que éle pensa que nós  
fizemos maldade com o leiteiro. Não é verdade. Nós est: mos  
tão tristes!  
MISTER Tristíssimos. Me dá vontade de chorar. Buuuu  
GORDINHO Não chore, mister. Não chorem amigos. Acabou-se a tristeza.  
Chegou a hora da alegria. ( BATE PALMAS. APARECEM OS SAND-  
WICHES FIGURANDO UMA FÁBRICA ONDE SE LÊ: "LATICÍNIOS VIA LÁTEA"

GORDINHO ( CAPITAM )

MISTER Tocem os sinos da riqueza  
Vai-se a noite vem o dia  
Tocem sinos da alegria  
~~Quem quer queijão queijão queijão queijão~~  
que há queijo em sua mesa

Compre um queijão

Vai goetar

Mais saúde vai gozar

E me ajuda a enriquecer

Tocem os sinos da riqueza  
Vai-se a noite vem o dia  
Tocem os sinos da alegria  
Quando há queijo em sua mesa

(CHEGAM CORRENDO O MEFINO, O LEITEIRO E OS GAROTOS)

MISTER Quem quer comprar queijo da nossa fábrica?

GORDINHO (GORDINHO PERCEBE QUE OS OUTROS CHEGAM E TENTA CUFUCAR O  
MISTER) Mister, olha quem está aí.

MISTER Leiteirinho! Como vai? Você por aqui? Quer um queijo?

LEITEIRO Eu quero a minha carroça.

TODOS Nós queremos a manina noite de volta.

(CAPITAM)

Queremos seus olhos

Estrélas

Queremos seu riso

~~Esse~~ Poesia

Onde está a manina noite?

Onde mora a alegria?





CÔRO A fábrica é nossa! O leite é nosso! O queijo é nosso!  
 A luz é nossa! O céu é nosso!

GORDINHO ( PARA O MISTER) Ih,rapaz,o negócio está ficando feio!Acho  
 melhor a gente dar no pé. ( VÃO SAINDO DE PARSINHO MAS SÃO  
 DESCOBERTOS E LEVAM UMA CARREIRA DOS OUTROS)

TODOS Pega,pega! (GORDINHO E MISTER FOGEM;OS OUTROS BÃO-SE AS  
 MÃOS E DANÇAM)

Hoje vencemos  
 Uma luta sem igual  
 Correu o mister  
 Lá se foi o gênio mau  
 E seu gordinho  
 Que queria tudo seu  
 Levou uma surra  
 Tudo agora é teu e meu  
 É nossa a noite  
 Com alus e as estrélas  
 É nosso o dia  
 Que na noite principia  
 Lala la la  
 La la la la la  
 La la la la la

La la la la la ( A LUZ VAI DESCENDO EM RESSUSCITAÇÃO  
 SOBRE A DANÇA.NO ESCURO,OUVE-SE A VOZ DO MENINO.AO ACERTAR  
 A LUZ O MENINO ESTÁ SÓ,NO MEIO DO PALCO)

MENINO E assim foi.Naquela terra,daquele dia em diante tudo foi  
 de todos.A menina noite ficou muito contente com a vitória  
 da gente,e a devolução dos seus olhos.Tão contente,que  
 achando que as lâmpadas ajudavam muito a todo mundo,dei-  
 xou que as estrélas fossem lhe socorresse nos olhos por  
 aquêles cuminho do céu que vocês conhecem pelo nome de Via  
 Látea,para viverem morar nas lâmpadas aqui na terra e as  
 que brilham nas suas casas,nos lampiões de rua, nos faróis  
 automóbais,nas casas dos aviões.Tôdas nos foras dos olhos  
 na noite,que está sempre caminhando de mãos dadas com o let-  
 tarinho pela Via Látea.A menina noite só guardou uns estrélas  
 nos seus olhos.A estréla do nenhô..



É só por isso que todos os meninos, quando as luzes do cidade grande se apagarem, no horizonte surge uma estrela única. A mais bela dentre todas que existem. Os leiteiros são os primeiros a avistá-la. Os leiteiros e os meninos. Quem, de madrugada, chegar a beira de praia e olhar o horizonte, encontrará a estrela da manhã. Poderá até fazer algum pedido a um leiteiro ou a um menino que passe longe e continue a ser menino. Talvez seja atendido.

( A LUZ VAI DESCENDO SOBRE O MENINO. OUVI-SE A CANÇÃO FINAL O MENINO DESAPARECE COM A LUZ E QUANDO ELA VOLTA O LEITEIRO ESTÁ TENDO SUA CARROCIHA EM PAGOS NÍMICO. EM CIMA DA CARROÇA A MENINA NOITE QUE GATTA )

NOITE

Se você é bom menino  
Vá depressa procurar  
No horizonte a estrela grande  
Que em seus olhos quer brilhar  
Vai menino  
Bom menino  
Bem depressa encontrar  
A estrela da manhã  
Que em seus olhos  
Quer notar  
Vai menino  
Adeus menino  
Que eu também vou procurar  
Vai menino  
Adeus menino...

FIM







— Não, não; não siga em direção e não se des-  
 continue o mesmo tempo e haste que estiver.  
 É muito tarde e pode-se equivocada. (Brisas)  
 Não, não; não siga em direção e não se des-  
 continue o mesmo tempo e haste que estiver.  
 É muito tarde e pode-se equivocada.

— Não pretendia voltar assim. ... Eu já  
 vou a dormir.

— Então não?

— Então não, não. Você é que é um dormi-  
 dor e nunca mais abriu a porta.

— Querendo saber, querendo saber, querendo saber. É que eu não quero  
 saber para dormir para dormir mais um pouquinho.

— Não quero mais saber?

— Não quero mais saber.

— Você é um contencioso fúria. O dia já foi  
 muito tarde.

— Não. Foi uma rotação ali atrás da  
 parede, não saber um pouco com o sol. O sol está um  
 pouco e abastado!

— Não quer?

— A cidade estremeu de querer tomar bu-  
 rras e uma grande de nuvens cheias d'água que che-  
 rram e chegam. ... e nada do sol poder aparecer. Só  
 o sol e que ele levou a terra de fern. Estava ver-  
 dadeiramente. Já muito que os olhos e carregam a opa-

— Não, mas deixa ver seus olhos. Ah, mas deixa ver seus  
 olhos, que beleza! Quantas estrelas! Você me dá  
 um?



— Dou sim. Fecha os olhos. (O Leiteiro  
 fecha os olhos). Agora, levanta a mão para o céu.  
 Levante a mão para o céu e fica assim por um  
 momento. A noite se dissolve na noite. No poder entra  
 um momento. A noite se dissolve na noite. Depois entra um ve-  
 lho tempo e os olhos antigos e já. Depois entra um ve-  
 lho tempo e os olhos antigos e já. Depois entra um ve-  
 lho tempo e os olhos antigos e já. Depois entra um ve-  
 lho tempo e os olhos antigos e já. Depois entra um ve-

— Ah, é sempre assim: ela promete que vai  
 me dar uma estrela e desaparece!

— Já, eh, eh! Sempre que eu passo por  
 aqui você está querendo que a menina Noite te de uma  
 estrela! Eh, he, que bobagem, rapaz, que bobagem!

— Bobagem por que?

— Porque elas são todas ruins.

— Minhas coisas nenhuma! Se fossem  
 minhas estavam aqui na minha mão, ou no meu bolso.

— Eh, eh, he, mas que bobo! E elas não  
 estão todas aí, nos seus olhos?

— Estão.

— E então, seu bobo? E então? (Vai sair,  
 observando toda a cena estava um garotinho de  
 churrasco na boca que segura o vechinho pelo poleco. Quando  
 o vechinho sai fica só o garotinho com o leiteiro).

— Que velho bobo! (Julgando o velho)  
 As estrelas não estão nos seus olhos? E então?... Ah,





1906-1907

OROLAS  
BOLINAS



O LARIANO — Não o velho disse...  
Aqui, oh. (Juizando os olhos)  
Esse é o irmão dessa, mas lemos dele são meus.  
Ninguém diz dele o dinheiro com os outros.  
Da fico não sozinho  
Eu mereço, era essa.

(Desce... Olha para os lados. Dirige-se  
ao Lelheiro) Ah. (Chega bem perto do Lelheiro,  
olhando para todos os lados)  
Você botou bastante água no leite? (Tom meloso)

LEITEIRO — Não senhor, hoje não pude botar mais  
que meio litro d'água em cada litro de leite.  
CONDINHO — Peiu, fala baixo! E por que botou  
tão pouca água?

LARIANO — Porque acabou. Diz que a adutora,  
oh. (Faz um gesto imitando o arrebrantar)

CONDINHO — (Resmungando) Não se pode mais  
viver honestamente. (Cai)

LARIANO — Ah, Condinho enojado! Eu que inven-  
tei de botar água no leite de vez em quando pra não dar  
dor de barriga nas crianças, e são agora quer que eu bote  
senhiro para ganhar mais dinheiro. (Durante essa fala  
o Lelheiro tomou de sua cervaça e em passos melancólicos faz  
como se estivesse atrelando. A Noite aparece em cima  
da capoeirinha)

NOITE — Sou mentiroso. Você botou água para  
tirar um pouco de leite.

LEITEIRO — Não foi! Foi por causa das crianças,  
pra não dar dor de barriga!

1 — o lariano

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

LEITEIRO — Não o velho disse...  
Vai lá. Ele está ficando cadaço, maluco! Ora, já se viu  
o doutor com esse negócio de ter estrela nos olhos de qual-  
quer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um  
preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal.  
Essa pretinha sapoca do norte a espanjar estrelas.  
Essa pretinha, não está direito! Você convencer meus  
parentes, ah vou! (Canta "o quebra do Cordeiro" e desce  
para dentro do cenário do Lelheiro).

Quem quer enriquecer contigo?



Noite — Leiteiro, eu não quero mais na tua casa...

LAMPINHO — Está bem. Mas eu só quero em troca um pagamento de leite para beber. ...

LAMPINHO (Acordando) — Ahn... O quê?

Noite — Já estava quase apazando, heim? Certo, se o Galatinho te vê assim, vai te botar no ferro velho!

LAMPINHO — Al, menino, noite, al, não faz cócegas, não, al, assim não!

Noite — Acorda, seu Lampião, acordai!

LAMPINHO — A culpa de eu acordar é sua, menino Noite. Sempre que você passa por aqui me faz café com essa máscara branca. Tá um sono!

O LEITEIRO E A MASCARINHA NOITE

LAMPINHO — Lampião, você me ajuda a distribuir o leite nas casas?

LAMPINHO — Ajudo sim. Vamos lá.

Noite — Pergunte vocês apudam os litros eu vou recordando as casas.

LAMPINHO — Está bem. (Segue-se a cena da distribuição do leite. A Noite vai acordando as casas e o Leiteiro e o Lampião distribuindo o leite, depois de perguntar a cada casa de quantos litros elas precisam. Entra aqui a "Carroça da Distribuição do Leite")

Olha o leite

Acorda gente

Quem quer leite?

Eu trago leite pra vocês

Leite claro sem mistura

Leite alegre de fartura

Pra máezinha e pra vocês

Olha o leite

O leite puro

Olha o leite

Olha amigo

Bom amigo

O que é este amigo

Trouxe hoje

Pra você

Leite claro sem mistura

Leite alegre de fartura

Pro papizinho e pra vocês



(Escreve a distribuição as três casas e o leite  
temem posições diferentes de modo a parecer que o Leiteiro,  
o Lampião e o Noite percorreram várias ruas.  
As casas devem estar não só na posição como tam-  
bém nos momentos e auster, locustina assim bem di-  
ferente as ruas. No final do último vai a ser for-  
mada aparecer a condição esperta conspicua de um  
cientista. Mas deveu evitar o Leiteiro e o Lampião,  
especialmente antes de serem. Depois colocamos quase  
na presença e comovam. Estão desparecidos de casa).

COMISSARIO — Fala quando a alegria deles, está vendido?  
Vou dar que dar um jeito de acabar com isso, com esse  
desperdício de estêrils de energia, de luz.

MISTÉRIOSO — A alegria eu estou vendido. E, como  
especialista em acabar com a alegria dos outros, posso  
garantir que vou acabar com a deles. Quanto a estêrils,  
já, eis, sinto muito mas não é comigo. Só quando de  
acabar com a alegria dos outros, não eu conheço outro  
especialista...

COMISSARIO — Ah, um cientista, um técnico em luz?  
Ótimo, ótimo!

MISTÉRIOSO — Um cientista não, eu não conheço.  
Eu conheço um especialista em conhecer cientistas, que  
talvez conheça um cientista, que talvez conheça um  
especialista em luz de estêrils, que...

COMISSARIO — Chegai! <sup>(mas)</sup> Eu te contratei para acabar  
com a alegria deles. Falando disto você vai é acabar  
com a minha alegria. Vamos procurar o tal cientista?

MISTÉRIOSO — Cientista não. Especialista.

COMISSARIO (Apressado) — Já bem, já bem...  
talh...

MISTÉRIOSO — Podemos ir. (Mas quando se dis-  
põem a sair o Leiteiro chega perto deles)

LITRINHO — Ué! Duas casas novas. Você conhe-  
cia essas casas, Lampião?

LAMPIÃO — Não!

NOITE — Devem ter sido construídas durante o dia,  
porque eu também não conheço.

LITRINHO — Precisamos dar leite para elas também.  
(Dirige-se à casa do Gordinho) Quantos litros você  
quer? (Da casa sai só um barco indicando dois litros  
com os dedos) Empregado! Acho que essa casa é do  
seu Gordinho. A mãe é igualzinha à dele. (Dirige-  
do-se à outra casa) E você, quantos litros quer?

MISTÉRIOSO — Infelizmente não posso responder.  
Sou apenas especialista em... (A mãe do Gordinho sai  
da outra casa e dá um tapa no Misterioso que o faz  
desaparecer dentro da casa)

LITRINHO — Ih, olha só. Estão brigando. Está  
não faz mal. Vou deixar um litro de leite pra você  
tomar quando acabar essa discussão. E enquanto vocês  
brigam nós cantamos.

(Vozes e "Canção da Distribuição do Leite". A se-  
guir o Leiteiro dá a mão ao Lampião e o Noite ao Leiteiro  
Tempo que vinda passando. Os quatro vão ficando e vão  
as casas e começam a dançar no meio do palco. O Gor-  
dinho e o outro ficam parados durante algum tempo,  
Depois levantam pouco a pouco as cabeças e conspiciem)







Como é? — Como é? Vamos em um volume pro-  
curar essa especialista?

MISTERIOSO — Não temos de esperar. Ele mora  
numa fazenda ensa que estão dançada com o Lelinho.  
Vamos de esperar até que eles adormecerem.

GRONINHO — E quanto tempo vai demorar?

MISTERIOSO — Não sei. Só perguntando a um es-  
pecialista em sono de casar. Já sei, já sei. (Con-  
tando a Mistrinho) Especialista em acordar com a cor-  
peira das oitavas.

MISTERIOSO — Ah! O senhor também?  
GRONINHO — Também o que? (Indagando)

MISTERIOSO — Também é especialista em acalhar  
em a noção dos ventos? Muito parano, caro colega.

GRONINHO — Não!! (O Gordinho sobre casa a  
gritar. Misterioso faz um movimento como quem não  
querde nada não é sobre trair. Gordinho forma a  
esperar e quando o queixo na mão com uma cara de  
pouco enojado) Eu estou descobrindo que esse tal de  
Mistrinho não é lá muito inteligente. (Olha para a  
grava de Lelinho que ainda está encurvado) Anúncios  
não precisam mais de dançar. Com certeza vão ficar  
assim até amanhã. Deixa ver... (Arqu沿海 qualquer  
outra. hehe. quem, quem. De repente!) Ah, polícia.  
Mistrinho (vem se aproximando um pouco) —

Amm...

(NÃO FALA  
EM VOZ)

GRONINHO — Tive uma ideia, Misterioso! Lixa  
faixa genital!

MISTRINHO — Como? O senhor também tem ideias?

Formidável!

GRONINHO — Espera aí, Misterioso. Não faia que  
a ideia fore... Olha, não não vamos mais precisar de  
especialista nenhum. Eu posso me arrancar com você  
mesmo. Olha, assim que eles adormecerem nós vamos  
(Aproximam-se de Misterioso e começa a rir. (Está  
de vez em quando, solta um "formidável...") E então?  
Que tal?

MISTERIOSO — Formidável! Formidável!

GRONINHO — Isso mesmo. Você vai ser promovido  
a especialista em disco quebrado. Formidável, formi-  
dável, formidável. / Tom, e agora vamos dormir um  
pouco. (Diz isso bem alto, olhando para o grupo que  
está dormindo) Já está amanhecendo. (A notada em  
seguida nas casas. A cena do quarto vai parando, e  
casas se espreguiçam e vão se colocando em posição de  
uma. O Tempo vai andando, o Lelinho vai apertando, o  
Lelinho tira a porta da carrocinha e a Noite entra para  
dormir. Concebe e amanhecer. Entra a "música do  
amanhecer")

GRONINHO (Depois de algum tempo) — Ei, Mister.  
Mistrinho! (Não há resposta. Gordinho in-  
siste novamente. Não obtém resposta. Tive então de  
sua casa um despertador, coloca a mão dentro da casa  
do outro e faz o mesmo funcionar. Ele dá um pulo e  
sai da casa correndo)

MISTERIOSO — Socorre, help, polícia, corpo de bom-  
beiros, help! (O Gordinho também sai da casa cor-  
rendo)



para ler isso depois de  
para ler isso depois de  
para ler isso depois de

vai com o  
carinho

Tão de novo de  
Mistrinho e  
Tão de novo de  
Tão de novo de

*(O Gordinho vem e olha para as costas do Gordinho.)* Não hei! Au secours!

GORDINHO — Mas Misterioso, você não se converteu? Um cristão com medo do despachador?

MISTERIOSO — Ah, foi um despachador... (Desce para o primeiro enterro, crença e religião) Não peço-não e um sentimento! Extraordinário!

GORDINHO — É, mas isso agora não importa. ~~Vamos ao nosso plano.~~

MISTERIOSO — Estou às suas ordens!

GORDINHO — O. N. (Os dois se aproximam p'f ante p'f da *arrumada de Letreiro*, tirando entre das coisas várias *inacreditáveis*: um grande *leite*, uma *rede* bastante grande, uma *baqueta*, etc. *Apresentam-se de Letreiro*, que está desolado *depois da morte*. *Tranquiliza* forte *tristezas que há* e *da igreja* e *o Misterioso* com *o fado é* *frase de Letreiro*. *Quando esse começa a entrar* *o Misterioso* *aperta o fado*. *O Letreiro* *coi de novo* *para trás*. *A seguir* *coloca-se* *com a* *rede* *na* *arrumada* *exposta* *o* *Gordinho* *direto* *e* *para* *o* *lado* *da* *arrumada*. *Letreiro*. *Noite*, *agora* *o* *Noite!* *(Tranquiza* *e* *encerra*, *e* *depois* *de* *algum* *tempo* *a* *Noite* *vai* *de* *arrumada*.) *Agora*, *agora!* (O *Misterioso* *vem* *e* *vê* *em* *cima* *de* *Noite* *exposta* *o* *Gordinho* *trabalha* *e* *bate* *com* *uma* *moeda*.) *Ah*, *ótimo*, *ótimo* *serviço*. *Ah*, *não*, *agora* *que* *o* *temos* *já* *pré* *evita* *tantos* *casos* *coadunamente* *de* *estrelas*. *Vamos* *tirar* *todas* *as* *estrelas* *dos* *seus* *olhos* *e* *vendê* *los* *aos* *homens*. *Vai* *ser* *um* *sucesso*, *um* *sucesso!* (Diz *um* *alô*.) *Não*

dado que a Noite entre em sua casa. **Ilumina-as** (com lanternas) ~~(O~~ **espanto**. As lanternas Gordinho despenha prontamente a sua vital!

Misterioso (Sem *sentir*) — Isso mesmo, e por isso me até colocar lanternas nas ruas. Podemos acabar com a alegria desses lampiões velhos e feios, colocar nos modernos e, o que é muito importante, podemos acabar com isso muito dinheiro...

Gordinho — Ah! Façam sentir o cheiro da ditadura para você aprender até a falar português! Mis vamos logo para o laboratório. Daqui a pouco o Letreiro acordará, e se nos pega aqui vai ser o diabo.

Misterioso — Vamos, vamos logo! (Sem *força* que *enra* *o* *sino* *da* *igreja* *começa* *a* *tocar* *ao* *longe*.)

Letreiro — (O Letreiro volta a acordar e a princípio se *espantou*. *Depois* *de* *um* *salto*) — Ué, que horas serão? (Vê a *parte* *de* *carroça* *aberta*.) A Noite já tinha só agora estão tocando! E o seu Tempo ainda não passou para acender o lampião. (Pare a *partir*.) Vocês viram a Menina Noite sair? (As *estrelas* *velozmente* *vão* *responder* *que* *são*. *Alguns* *tentando* *contar* *o* *repto*. *As* *perguntas* *que* *se* *segura* *dão* *criar* *na* *direção* *em* *que* *o* *ator* *deve* *condizer* *as* *respostas* *dás* *estrelas*.) Com quem? Com seu Gordinho? Onde é que ela foi? Enfiaram a Menina Noite num saco? Meu Deus, eu preciso soltar a Menina Noite. (Nesse momento *caem* *dois* *lanceis* *vestidos* *de* *robô*, *reflexos* *o* *célio* *Lampião* *e* *levam-no* *embora*.) — Ei, que é isso? Deixem o meu amigo em paz! (Um *dos* *Autômatas* *vá* *um* *tempo* *no* *Letreiro* *e* *o* *joga* *longe*. *Quando* *o* *Letreiro* *se*







encontrar a Noite e como libertar-se os olhos. Mas antes passe na padaria do senhor Vagor Datura e compra dois pães de suco. Depois, pode ir. E não esqueça, hein? Fazer o último canto do galo e a alvorada!

*Letrinho (O Letreiro canta a canção)*

Fazte o último canto do galo  
E a alvorada  
Quando tus arvores se despregam  
A paravanda  
Em mento noi de encontrar  
Que passa fome e a brincar  
Consegue a fome enganar  
Mentio, mentio  
Onde está a estrela pua  
Mentio, mentio  
E tão difícil ser mentio  
Tendo a fome que enganar

É mesmo? Se o passar fome e continua a ser mentio é porque é muito seita. Aresto que vai me ajudar a encontrar a Mentio Noite. (O velho Tempo vai passando, e toda-cida tá passando de conta. Vão entrando em cena, e agora é sem ensaiar)

FIIM DO 1.º ATO

ATO 2.º

(Música no escuro)  
Vai leiteiro  
Leiteirinho  
Corra e anda  
Dem depressa  
A encontrar  
Um mentio  
O tal mentio  
Que com fome  
Aposar —  
De tanta fome  
Não esquece  
De brincar  
Vai Leiteiro  
Leiteirinho  
Dem depressa  
Fazer  
Um mentio  
Que com fome  
De mentio  
Com a fome vai brincar  
Leva o pão  
Não esquece o leite  
Estende a mão  
Ao mentio  
Que apesar  
De passar fome  
Goeta ainda  
De brincar

(A luz vai acendendo em  
resistência. Em cena um  
mentio próximo como a  
Mentio Noite. Está fazendo  
um papagaio)





LEITEIRO *(empurrando para a esquerda da lanteira e a porta ao lado)* — Oi.

MENINO — Oi.

LEITEIRO — Bom dia.

MENINO — Bom dia, amigo Leiteiro. Pode entrar.

LEITEIRO — Como é que você sabe que eu sou o Leiteiro?

MENINO — Não me falou nada em você.

LEITEIRO — Noite estava aqui?

MENINO — Ela vem sempre aqui. Não quer sentar?

*(Oferece um cadeirão)*

LEITEIRO — Obrigando. Ah, ia me esquecendo... isso é pra você. *(Mostra o pé e a lanteira)*

MENINO — Óia, que bom, muito obrigado! Dá licença. *(Pega o leite. Vai espremer um leite que faz um pouco de som, eufônico. Põe a colherinha outra e dá os pedes e põe-se a cantar e a beber tranquilamente enquanto o Leiteiro o observa)*

LEITEIRO — Puxa! Você está com uma fome danada, hein?

MENINO — Se estou. Tem uns três dias que eu não como.

LEITEIRO — Tem que essas pipas?

MENINO — Tem brincar, pra vender. Você quer?

LEITEIRO — Uma pipa?

MENINO — Não, um pedaço de pão.

LEITEIRO — Não obrigado, já comi.

MENINO — Quer uma caneca? *(Istende o leite)*

LEITEIRO — Também não. Me diz uma coisa.

MENINO — O que é?

LEITEIRO — Você é o menino que passa fome e com uma menina?

MENINO — Sou.

LEITEIRO — Você sabe onde é que está a Noite?

MENINO — Sei. Está aqui.

LEITEIRO — Aqui onde?

MENINO — Olhe bem. No fundo dos meus olhos. Noite agora é a menina dos meus olhos. Olhe bem.

LEITEIRO — É verdade, ela está lá. Está dormindo no fundo dos seus olhos. Noite, vem cá. Noite, vem falar comigo. *(A luz muda. O menino desaparece e surge no palco a menina Noite sob uma luz azul quase da sombra. A menina Noite tem os olhos fechados e estende as mãos como se fosse uma coquinha)*

LEITEIRO — Noite, Noitinha, que bom que eu te encontrei. Mas o que é que você tem?

Noite — Você não sabe. Leiteiro. Eu estou quase cega.

LEITEIRO — Por que? Quem foi que fez sua maídade?



Menino — Puxa! Eu tenho de ir ao seu Gardinho. Mas não tem as estrelas dos meus olhos.

Letreiro — Não quer?

Menino — Não quero.

Letreiro — Não ninguém pode vender estrelas. Não tem mais.

Menino — Então! Agora não são não. Eles agora não vendem mais estrelas e eles ficam brincando e brincando e os dois desfilaram as lâmpadas pra até — Não me diga lá logo depois esteladas pra dentro de casa. Não são não. Eles vendem no Mercado. Não sabem vender essas coisas e não posso mais brincar com eles. Adeus, Letreiro, adeus.

Letreiro — Não! Não! Não! (Nota mudança de direção e mudança de nome) O Letreiro fala pra os dois não! Não! Não!

Letreiro — Não se assuste, amigo Letreiro. Ela tem medo de falar com você. Ela é tímida. Ela quer ser muito bonita e não quer se perder para sempre. Deixe que ela vá embora. Não dá para um presente pra você.

Letreiro — O que é?

Menino — É uma estrela. Uma estrela que ela quer dar pra você. Ela é tímida.

Letreiro — (Ouve-se o voz em "sh-sh-sh") — Não se assuste, não tem no fundo dos meus olhos. Lá dentro do meu olho não tem estrelas. Lá dentro do meu olho não tem estrelas. Lá dentro do meu olho não tem estrelas e não tem nada de mais e a verdade é, eu não quero e Letreiro vier me procurar, diga-lhe como

encontrar a estrela grande. (Ouve-se o canto de um gato)

Menino — Ela está lá, está vindo? Não? Feche os olhos. Tente no amanhecer. Vão? É essa estrela que aparece no horizonte. Eu gosto de chamá-la estrela da manhã.

Letreiro — Puxa! Como é bonita! (Pausa) Menino, eu queria um coisa.

Menino — O que é?

Letreiro — Eu queria que a estrela da manhã estivesse nos olhos de todos os folhetos, de todos os meninos. E queria também devolver as estrelas pra Noite. Ou então queria ter dinheiro pra comprar pelo menos um bom par de óculos pra ela.

Menino — Só tem um jeito, amigo Letreiro. Nós dois vamos juntos à cidade. Lá chegando você junta o maior número possível de litros de leite cheios de leite bem puro. E fica esperando a hora das luzes acenderem. Quando todas estiverem acesas eu deslizo a chave que controla todas as lâmpadas enquanto você derrama no céu da Noite o leite que estiver nos litros.

Letreiro — E a Noite voltará a ter estrelas?

Menino — Talvez. Vamos tentar?

Letreiro — Vamos!

Menino — Então, a caminho. A estrela da manhã, nos guiará. (Os dois começam a desmanchar o barraco, depois nascem o morro. Entram em cena os novinhos formando a cidade. Encerra-se)





MININO (com elegancia e silencio) — Onde está o velho romance?

LETRADO — Deixe estar no peito da lareira.

MININO — Vamos pedir a tia para trazer por aqui bem depressa. Assim o seu romance que está na hora de decantarse e seivamente temo de esquecer as lições.

LETRADO — É na minha, fiquem aí que eu vou até lá.

MININO — Fasta bem, (O Letreiro vai correndo até a porta e regressando ao velho romance) Já vou trazer o romance que fez um tempo para o Minino e vai estorcer.

LETRADO — Fretto, o tempo já passou. Agora eu vou apunhar as palavras do texto.

MININO — É, eu vou esperar as luzes acenderem lá perto da chave grande.

LETRADO — A chave é muito grande. Será que você alguma desligar em minutos?

MININO — Eu não vou passar aqui para me ajudar. Quem quer me ajudar? (Atmosfera na platéia estranhas que o estorcer a desligar a chave)

LETRADO — Boa sorte, pessoal.

MININO — Boa sorte, Letreiro.

LETRADO — Ih, eu preciso também de quem me ajude aqui. Você quer seguir o caso pra mim? (Os estorcer deixar dekar as estranhas e partielmente ativamente fuente. O Letreiro sai com algumas estranhas e duas para o teatro mais cedo, que abre no meio da cena. Traz

trazendo o romance. Já tinha. Ah, em seguida e acompanhando e com as duas mãos em cima de todo. Querem do jogo o velho livro que (com o mesmo) Ih, que tem pela menos meio litro de água! (Vozes no teatro) Não faz mal. Vai assim mesmo. Os outros estão e em todo bem perto. Um só não tem importância. (O Letreiro volta ao teatro. As luzes do teatro começam a se acender. O Letreiro pergunta as luzes no meio de voz e empouca) Temem cuidado agora. Não tenham medo. Quando eles desligarem a chave grande vai esquecer e eu vou fazer todo esse litro no céu. (Ele repete todas as luzes se apagam e o Letreiro começa a jogar a letra das palavras no céu. À medida que ele vai jogando o litro começa a aparecer no céu em noite várias estranhas. Os outros estão naturalmente desaperceber quando se faz a escuridão. O Letreiro continua a jogar, litro no céu e, ao estrazar a última palavra, aparece no céu alguma coisa parecida com a lua)

LETRADO — Ih, rapaz, a carreira de letra batizando! (Vozes da escuridão e fica o olhar estorcerido para o céu. No teatro estão abertas o Letreiro, a escuridão, a escuridão e algumas estranhas. Depois voltam a mentir, o tempo, a linguagem, algumas cenas) Consequentes. Consequentes. gente.

MININO — Noite está vendida de novo.

LETRADO — Nossos olhos estão cheios de estranhas.

TEATRO — Eh, eh, estão cheios de estranhas.

Todos (Cautam)

Quando as luzes se apagam  
Lá no céu rompem as estranhas  
E em nossos olhos se abrem



Quando os filhos considerarem

Nestas salas estão se locum

E em pouco tempo as estradas

que no céu se elevaram

E em pouco tempo apareceram

o Gordinho e o Misterioso

— Quando há um jelinho de acabar com

a alegria dessa gente? Se não nos vamos tomar um

brinde rápido...

Misterioso — Segura. Deixa eu pensar.

GORDINHO — Então, penso dessa vez. (Luz no Leti-

teiro e sai com amigos para cantarem)

MISTEIOSO — Letreiro, o que é aquilo lá?

Letreiro — Ih, rapaz, acho que é o leite daquela

garrucha. Mas não meço nada. É que tinha muita água.

MISTEIOSO — Parece um queijo.

Letreiro — É a luz.

MISTEIOSO — Quem quer um pedaço de luz?

(Canta e dança. Corte para o Gordinho e o

Misterioso, os amigos do Letreiro saem de cena cantando.

No escuro da porta ficou só o letreiro esculpido no chão.

Olhando para o céu, a estrada, sua carapinha aberta e

as garrafas vazias de leite)

GORDINHO — E então?

MISTEIOSO — Já sei. Vamos espalhar um bocado

de Amendoim

de Amendoim

de Amendoim

Gordinho — Que boato?

Misterioso — Vamos dizer que o Letreiro está

maluco.

GORDINHO — Grande ideia! Convocaremos imedia-

lamente os nossos agentes. (Tira um quito do bolso e

olha. Choram os robôs trazendo um envelope telegrafico

em que se lê escrito "As pessoas". O Gordinho começa

a falar e murmura e os autômatos a tremerem)

Atenção! Há um Letreiro maluco na cidade. Sem contar

é dizer que deu estradas à Noite. Cuidado! É perigoso,

muito perigoso. (Um dos robôs sai levando o telegrama

empunhado o Gordinho, o Mister e os outros dois robôs

se infiltram entre os meninos distribuindo folhetos pela

plata: "Cuidado com o Letreiro. Está maluco")

Letreiro (Se no palco) — Puxa vida! Que bonito!

À gente conseguiu. Agora é só ficar aqui esperando

amplificar pra ver a estrada grande. Será que eu vou

conseguir falar com Noite? (Empunha folio os robôs

vão se aproximando e seguram o Letreiro cuidadoso e

uma caneta de fôrça) Ei, o que é isso? Parem com isso!

Para onde estão me levando? Esperem no menos que

eu veja a estrada grande! (Saca)

GORDINHO (Segurando de durante algum tempo) —

Sim, sim. Você vai ver a estrada grande.

Misterioso — Você verá sempre a estrada grande.

(Depois que os robôs desaparecerem os dois voltam-se

para os homens, que ficaram espantados)

GORDINHO — Não convém contrariar os loucos.





MISTRIOSO — Não receio mais. (Pelo estado de com-  
pênsão em que se encontra de o Lesteiro. Ah, porque  
espero a festa de amanhã, quando todos se reunirão  
de novo para fazer uma festa ao Sr. Mestral)

MIXXINO (Entrando pelo Lesteiro) — Lesteiro! Lá-  
teiro! (Pera no braco) Você viu o Lesteiro?

(O Lesteiro, o Genésio e os outros entram chorando  
o Lesteiro, Mestral e Genésio. Quando estão  
juntos se encontram o Lesteiro e o Mestral)

MIXXINO — O que é que você faz assim com o Leste-  
reiro?

GENÉSIO — Ai, meus amigos, que desgraça!

MISTRIOSO — Que desgraça!

GENÉSIO — Condição do Lesteiro!

MISTRIOSO — De Lesteiro!

GENÉSIO — Meu pobre, meu querido amigo Lesteiro.

MISTRIOSO — Amigo!

MIXXINO — Que foi que o senhor fez com o Lesteiro?

GENÉSIO — Ah, você também é amigo dele? Muito  
pobre.

MISTRIOSO — Muito pobre.

GENÉSIO — O nosso pobre amigo Lesteiro antes de  
entregar a alma a Deus ficou muito em você.

MISTRI — Muito mesmo.

MIXXINO — O Lesteiro morreu?

GENÉSIO — Não fale assim, que me entristece.

MISTRIOSO — Me entristece muito.

GENÉSIO — Diga "falarem", é mais bonito.

MISTRI — Muito mais bonito.

MIXXINO — É mentira, seu amigo de uma hora. Vou  
procurar o Lesteiro! Quem quer ir comigo? (Se algu-  
mas crianças quiserem ir o senhor deve sair com elas  
para procurar o Lesteiro. Fugam-se isso)

MISTRIOSO — Está nervoso o crioulinho.

GENÉSIO (Fundo amarelado para a criança) — É  
que ele pensa que nós fazemos maldade com o Lesteiro.  
Não é verdade. Nós estamos tão tristes.

MISTRIOSO — Tristesimos. Não dá uma vontade  
de chorar. Buuu...  
*GENÉSIO - EU TAMBÉM / MISTRI - ENTÃO DHE NÃO CHORAR*

GENÉSIO — Não chore. Não chorem, amigos. Ace-  
te-se a tristeza. Chegou a hora da alegria. (Toca  
palmas. Aparecem os "sanduicheiros", figurando uma fa-  
lta ou se lê: "Lactários Vici Lactes")

GENÉSIO e MISTRIOSO (Cantam)

Tocam os sinos da riqueza  
Vai-se a noite vem o dia  
Tocam os sinos da alegria  
Quando há queijo em sua mesa.

Compre um queijo  
Vai postar



18

JOÃO DAS NEVES

Mãe sedida vai pensar  
E me ajuda a cuidar.

Prenta os fimes da titucara  
Vai-se a noite vem o dia.  
Prenta os fimes da alegria.  
Quando lá queijo em sua mesa.

(Crissem corrroia a menina, o Leiteiro e os garotos)

Misterioso — Quem quer comprar queijos da nossa  
fazenda?

Comentário (O Gordinho percebe que os outros che-  
garão e tenta entrar o Misterioso) Misterioso, olha  
quem está aí?

Misterioso — Leiteirinho! Como vai? Você por  
quê? Quer um queijo?

Lenteiro — Eu quero a minha cartoga.

Teres — Nós queremos a Menina Noite de volta.

(Cantem)

Queremos seus olhos  
Felicitas  
Queremos seu riso  
Poesia  
Onde está a Menina Noite  
Onde mora a alegria.

Gonzinho — (Faz o outro) — Ih, rapaz, o negócio  
está ficando feio! Acho melhor a gente dar no pé. (Vão  
cuidado de mansinho mas são parequinhos pelos outros)

Teres — Foga fogo! (O Comentarista  
senta no corredor. Os outros em cores brancas  
e dancem)

Misterioso

Que guerra nos vencer  
Lavei um chulo  
E deixou-se a correr  
Gordinho esperto  
Que guerra tudo seu  
Lavei um tuculo  
Tudo agora é tu e meu  
E nessa a noite  
Com a lua e as estrelas  
E preso o dia

Que na noite principia  
La la la la  
La la la la la la  
La la la la  
La la la la  
La la la la la.

(A luz vai diminuindo em resistência sobre o diapasão  
No teatro aparece a luz da Menina. A luz se volta em  
contra a sentença no meio do palco)

MENINO — E assim foi. Naquela terra daquele dia  
em diante tudo foi de todos. A Menina, Noite ficou  
muito contente com a vitória da gente e a devolução dos  
seus olhos. Ficou tão contente que, não tendo ninguém  
presente para dar nos honens e rebanho que os homens  
das ajudavam muito a todo mundo, deixam que as estrelas  
nas tolas lhe escorregassem dos olhos por medo de  
minho do céu que vocês conhecem pelo nome de Via  
Láctea e viessem rotar nas lâmpadas aqui da terra. São  
elas que brilham nas suas casas, nos lampiões da rua,







2

601

JOÃO DAS NEVES

712,0026

NEV  
LEI  
PX, 3

O LETEIRO

e

A MENINA NOITE

PRÊMIO TEATRO INFANTIL

Segundo Prêmio

2.º Concurso de Peça Infantil

1970



SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
RIO DE JANEIRO — 1970





LEITEIRO — (Sol de baixo da carroça e fica sentado. Ela durante algum tempo a tarde que esmorece. Depois abre a porta da carrocinha. Chama:)  
 — Noite, Noite! (Rapidamente as luzes transparentes a todo do interior da cena em noite. Ao acabar a iluminação uma lúria prelinha está sentada em cima da carroça. Vestido com bom gosto, mas pobremente. É a Noite).

NOITE — Não precisava gritar assim ... Eu já estava acordada!

LEITEIRO — Estava nada ...

NOITE — Estava sim. Você é que é um dorminhoco e nunca mais abria a porta.

LEITEIRO — Dorminhoco nada. É que eu não almocei. Então aproveitei para dormir mais um pouquinho.

NOITE — E sono lá enche barriga?

LEITEIRO — Não enche, mas engana.

NOITE — Você é um conversa fiada. O dia já foi todo em vão?

LEITEIRO — Não. Parou um restinho ali atrás do carro, pra bater um papo com o sol. O sol está um pouco queimando!

NOITE — Por quê?

LEITEIRO — A cidade cismou de querer tomar banho, tirando uma porção de nuvens cheias d'água que começaram a choverem ... e nada do sol poder aparecer. Só a garfina é que não botou a cara de fora. Estava ver o sol de baixo da carroça. (A Noite abre os olhos e começam a apa-

receer estrelas no céu). Ah, mas deixa ver teus olhos! Puxa, que boniteza! Quantas estrelas! Você me dá uma?

NOITE — Dou sim. Fecha os olhos. (O Leiteiro fecha os olhos). Agora, levanta a mão para o céu. (O Leiteiro levanta a mão para o céu e fica assim por um momento. A Noite se dissolve na noite. No palco entra um lampião d'esses antigos a gás. Depois entra um velhinho que vai acendê-lo. O velhinho, ao entrar, começa a rir da posição do Leiteiro)

LEITEIRO — Ah, é sempre assim: ela promete que vai me dar uma estrela e desaparece!

TEMPO — Eh, eh, eh! Sempre que eu passo por aqui você está querendo que a menina Noite te de uma estrela! Eh, he, que bobagem, rapaz, que bobagem!

LEITEIRO — Bobagem por que?

TEMPO — Porque elas são tôdas suas.

LEITEIRO — Minhas coisa nenhuma!! Se fôsem minhas estavam aqui na minha mão, ou no meu bolso.

TEMPO — Eh, eh, he, mas que bôbo! E elas não estão tôdas aí, nos seus olhos?

LEITEIRO — Estão.

TEMPO — E então, seu bôbo? E então? (Vai saindo — observando toda a cena estava um gordinho de charuto na boca que segue o velhinho pelo palco. Quando o velhinho sai fica só o gordinho com o leiteiro).

LEITEIRO — Que velho boboca! (Imitando o velho) As estrelas não estão nos seus olhos? E então?... Mas,





espera não. Sempre que eu abro a cortina e a menina Noite aparece, como logo a reconheço. E os olhos da menina Noite estão cheios de estrelas. E eu vejo todas as estrelas que estão nos olhos dela. Se eu vejo quer dizer que elas estão nos meus olhos também. *(Para a plateia)* Vocês não estão vendo a minha carpoetinha? Estão? Se vocês fecharam os olhos os olhos não continuam vendo? Por que? Porque ela ficou guardada dentro dos olhos de vocês, não é? Com as estrelas é a mesma coisa. Toda vez que a gente vê a menina Noite tem uma porção de estrelas nos olhos dela. Mas se a gente fechar os olhos as estrelas vão pra dentro dos olhos da gente. Por isso é que o velho Tempo disse que as estrelas são todas minhas. E de vocês também. Quem quer estrelas? Você quer? E você? É só olhar com os olhos bem abertos. As estrelas são os olhos da noite. É só olhar pra menina noite que ela nos dá uma porção de estrelas. *(Vendo o Gordinho)* Ôi seu Gordinho Esperto, o senhor por aqui?

GORDINHO — Vir dar uma olhadinha. Como vão as coisas?

LEITEIRO — Muito bem seu Gordinho.

*(Cantando)*

Vendo o leite seu Gordinho.

GORDINHO —

De quem é esse leitinho?

LEITEIRO —

De senhor meu patrãozinho.

Vendo um leite bem branquinho

Bem saudável, bem fresquinho  
Pra as crianças agradar.

GORDINHO —

Isto sim é bem falar  
Isto sim é ser honesto  
Vender leite é um belo gesto  
Faz alegre o coração  
Dar saúde!  
E em seu lugar  
Uns cobrinhas mais ganhar.

LEITEIRO — As coisas vão bem, seu Gordinho esperto. O senhor sabe o que eu acabei de descobrir?

GORDINHO — Não.

LEITEIRO — Que as estrelas são os olhos da noite, seu Gordinho.

GORDINHO — E daí?

LEITEIRO — Dai que é só abrir os olhos e pluct. Todas as estrelas são nossas. São minhas, daquele menino ali, são do senhor também, seu Gordinho. As estrelas, as ruas, as casas, tudo isso é nosso. O leite que a gente vê branco e alegre nas garrafas. Também é nosso. Quem quer leite? Quem quer?

GORDINHO — Calminha, muita calminha ... O leite é meu, que sou dono de todas as vacas e paguei um bom dinheiro por elas. E gasto um rico dinheirinho dando capim todos os dias para elas comerem. E a carroça também é minha, e as garrafas também. E você é meu empregado. Portanto vá tratando de entregar o leite. Chega de conversa fiada.



JOJO DAS NEVES

LEITEIRO — Mas o velho disse ...

GORDINHO — O que o velho disse é por causa da idade. Ele está ficando caduco, maluco! Ora, já se viu *(Para o público)* Eu preciso dar um jeito. Preciso ganhar com esse negócio de ter estréla nos olhos de qualquer um. Uma luz tão boa, que podia ser vendida a um preço bastante alto, que podia dar um lucro piramidal. Essa pretinha supera dia noite a esbanjar estrélas. *(Resmungando)*. Não está direito! Vou convocar meus assistentes, ah vou! *(Canta "o canção do Gordinho esperando na carroça do Leiteiro")*.

É preciso ser esperto  
Ter o olho bem aberto  
A bondade é desperdício  
A amizade um malefício  
Pois quem dá tudo o que tem  
Morre cedo e sem viutém  
Vamos tudo aproveitar  
Pro dinheiro aumentar  
O trabalho do leiteiro  
Vou barato alugar  
Com o soprar do vidraceiro  
Vou garrafas fabricar  
Se tem água nas torneiras  
Faço o leite triplicar  
E com a luz dessas estrélas  
Dom dinheiro vou ganhar  
Fico rico bem depressa  
Eu mereço ora essa

*(Para a platéia)*

Quem quer enriquecer comigo?

O LEITEIRO E A MENTIRA NOITE

*(Para as crianças que responderem)*

Aqui, oh. *(Indicando os olhos)*  
Esse é o irmão dêsse, mas todos dois são meus  
Ninguém divide o dinheiro com os outros.  
Eu fico rico sozinho  
Eu mereço, ora essa.

*(Desce...Olha para os lados. Dirige-se ao Leiteiro)* Ah. *(Chega bem perto do Leiteiro, olhando para todos os lados)*

Você botou bastante água no leite?

LEITEIRO — Não senhor, hoje não pude botar mais que meio litro d'água em cada litro de leite.

GORDINHO — Psiu, fala baixo! E por que botou tão pouca água?

LEITEIRO — Porque acabou. Diz que a adutora, oh. *(Faz um gesto imitando o arrebentar)*

GORDINHO — *(Resmungando)* Não se pode mais viver honestamente. *(Cai)*

LEITEIRO — Eta, Gordinho enjoado! Eu que inventei de botar água no leite de vez em quando pra não dar dor de barriga nas crianças, e êle agora quer que eu bote sempre para ganhar mais dinheiro. *(Durante essa fala o Leiteiro tomou de sua carroça e em passos mímicos faz como se estivesse aranjando. A Noite aparece em cima da carrocinha)*

NOITE — Seu mentiroso. Você botou água para tirar um pouco de leite.

LEITEIRO — Não foi!! Foi por causa das crianças, pra não dar dor de barriga!

3 — O LEITEIRO .





NOITE — Leiteiro, eu não durmo mais na tua casa...

LEITEIRO — Está bem. Mas eu só queria era tirar um pouquinho de leite pra beber. Ele agora quer misturar água em todas as garrafas. Isso não está direito. *(Enquanto estão conversando, vão entrando na palaceteira das casas. Procura-se dizer modo uma rua, com a característica do bairro, o lampião a gás e as casas. As casas, assim como o lampião e a igreja — que também pode entrar em cena para compor a rua — devem ser feitas com tábuas "sandwich" de propaganda com a fachada pintada, lembrando as casinhas de Ouro Preto. As superfícies devem ter a medida suficiente para só deixar aparecer os pés das portas e a cabeça. Cada ator pode, neste momento, duas casas, uma em cada lado do "sandwich". Nesse caso aconselha-se que a parte de trás da cabeça seja uma máscara, de preferência bem enfeitada.)* Lampião, você me ajuda a botar o leite nas casas?

LAMPIÃO *(Acordando)* — Ahn... O que?

LEITEIRO — Já estava quase apagando, hein? Cuidado, se o Gordinho te vê assim, vai te botar no ferro velho!

NOITE — Eu vou acordá-lo. *(Começa a cutucar o rosto e faz a voz a rir)*

LAMPIÃO — Ai, menina noite, ai, não faz cócegas, ai, ai, assim não!

NOITE — Acorda, seu Lampião, acorda!

LAMPIÃO — A culpa de eu apagar é sua, menina Noite. Sempre que você passa por aqui me faz cafune com essa mãozinha macia. Dá um sono!

LEITEIRO — Lampião, você me ajuda a distribuir o leite nas casas?

LAMPIÃO — Ajudo sim. Vamos lá.

NOITE — Enquanto vocês apanham os litros eu vou acordando as casas.

LEITEIRO — Está bem. *(Segue-se a cena da distribuição do leite. A Noite vai acordando as casas e o Leiteiro e o Lampião distribuindo o leite, depois de perguntar a cada casa de quantos litros elas precisam. Entra aqui a "Canção da Distribuição do Leite")*

Olha o leite  
Acorda gente  
Quem quer leite?  
Eu trago leite pra vocês

Leite claro sem mistura  
Leite alegre de fartura  
Pra mãezinha e pra vocês

Olha o leite  
O leite puro  
Olha o leite  
Olha amigo  
Eom amigo  
O que este amigo  
Trouxe hoje  
Pra você

Leite claro sem mistura  
Leite alegre de fartura  
Pro paizinho e pra vocês



(Durante a distribuição as três casas e a igreja tomam posições diversas de modo a parecer que o Leiteiro, o Lâmpião e a Noite percorreram várias ruas. As casas devem adivinhar-se não só na posição como também nos fuchudas a mostrar, tornando assim bem diferentes as ruas. No fundo da última rua a ser formada aparecerá o Gordinho esperto acompanhado de um cientista. Eles devem excitar o Leiteiro e o Lâmpião, esconderem-se atrás das casas. Depois colocam-se quase no proscênio e comentam. Estão disfarçados de casas).

GORDINHO — Está vendo a alegria deles, está vendo? Você tem que dar um jeito de acabar com isso, com esse desperdício de estrélas, de energia, de luz.

MISTERIOSO — A alegria eu estou vendo. E, como especialista em acabar com a alegria dos outros, posso garantir que vou acabar com a deles. Quanto a estrélas, luz, etc. sinto muito mas não é comigo. Só entendo de acabar com a alegria dos outros. Mas eu conheço outro especialista...

GORDINHO — Ah, um cientista, um técnico em luz? Ótimo, ótimo!

MISTERIOSO — Um cientista não, eu não conheço. Eu conheço um especialista em conhecer cientistas, que talvez conheça um cientista, que talvez conheça um especialista em luz de estrélas, que...

GORDINHO — Chega! Eu te contratei para acabar com a alegria deles. Falando desse jeito você vai é acabar com a minha alegria. Vamos procurar o tal cientista?

MISTERIOSO — Cientista não. Especialista.

GORDINHO (Nervosinho) — Tá bem. Espantoso-tá!!!...

MISTERIOSO — Podemos ir. (Mas quando se dispõem a sair o Leiteiro chega perto deles)

LEITEIRO — Ué! Duns casas novas. Você conhecia essas casas, Lâmpião?

LÂMPIÃO — Não!

NOITE — Devem ter sido construídas durante o dia, porque eu também não conheço.

LEITEIRO — Precisamos dar leite para elas também. (Dirige-se à casa do Gordinho) Quantos litros você quer? (Da casa sai só um braço indicando dois litros com os dedos) Engraçado! Acho que essa casa é do seu Gordinho. A mão é igualzinha à dele. (Dirigindo-se à outra casa) E você, quantos litros quer?

MISTERIOSO — Infelizmente não posso responder. Sou apenas especialista em... (A mão do Gordinho sai da outra casa e dá um tapa no Misterioso que o faz desaparecer dentro da casa)

LEITEIRO — Ih, olha só. Estão brigando. Bem, não faz mal. Vou deixar um litro de leite pra você tomar quando acabar essa distússão. E enquanto vocês brigam nós cantamos.

(Volta a "Canção da Distribuição do Leite". A seguir o Leiteiro dá a mão ao Lâmpião e a Noite ao velho Tempo que vinha passando. Os quatro vão dando a mão as casas e começam a dançar no meio do palco. O Gordinho e o outro ficam parados durante algum tempo. Depois levantam pouco a pouco as cabeças e conspiram)







JOÃO DAS NEVES

GORDINHO — Como é? Vamos ou não vamos procurar um especialista?

MISTERIOSO — Nós temos de esperar. Ele mora numa daquelas casas que estão dançando com o Leiteiro. Temos de esperar até que elas adormeçam.

GORDINHO — E quanto tempo vai demorar?

MISTERIOSO — Não sei. Só perguntando a um especialista em sono de casas. Eu sou apenas especia...

GORDINHO (*Interrompendo*) Já sei, já sei. (*Imitando o Misterioso*) Especialista em acabar com a alegria dos outros.

MISTERIOSO — Ah! O senhor também?

GORDINHO — Também o que?

MISTERIOSO — Também é especialista em acabar com a alegria dos outros? Muito prazer, caro colega.

GORDINHO — Não!!! (*O Gordinho some casa a dentro. Misterioso faz um movimento como quem não entende mais nada e some também. Gordinho torna a aparecer e aponta o queixo na mão com uma cara de poucos amigos*) Eu estou desconfiado que esse tal de Misterioso não é lá muito inteligente. (*Olha para o grupo de Leiteiro que ainda está dançando*) Aquêles não acabam mais de dançar. Com certeza vão ficar assim até amanhã. Deixa ver... (*Arquiteta qualquer enisa, hesita, avança, recua. De repente:*) Ah, genial, genial, eu sou um gênio! Ei Mister, Misterioso!

MISTERIOSO (*Vem se espreguiçando um pouco*) — Ahnn...



GORDINHO — Tive uma idéia, Misterioso! Uma idéia genial!

MISTER — Como? O senhor também tem idéias? Formidável!

GORDINHO — Espera aí, Misterioso. Não fala que a idéia foge... Olha, nós não vamos mais precisar de especialista nenhum. Eu posso me arranjar com você mesmo. Olhe, assim que eles adormecerem nós vamos... (*Aproxima-se de Misterioso e começa a cochichar, este, de vez em quando, solta um "formidável..."*) E então? Que tal?

MISTERIOSO — Formidável! Formidável!

GORDINHO — Isso mesmo. Você vai ser promovido a especialista em disco quebrado. Formidável, formidável, formidável. Bom, e agora vamos dormir um pouco. (*Diz isso bem alto, olhando para o grupo que está dançando*) Já está amanhecendo. (*Afundam em seguida nas casas. A cena do fim vai parando, as casas se espreguiçam e vão se colocando em posição de ruínas. O Tempo vai cypora, o Lampião vai apagando, o Leiteiro abre a porta da carrocinha e a Noite entra para dormir. Começa a amanhecer. Entra a "música do amanhecer"*)

GORDINHO (*Depois de algum tempo*) — Ei, Mister, Misterioso! Acorda. (*Não há resposta. Gordinho insiste novamente. Não obtém resposta. Tira então de sua casa um despertador, coloca a mão dentro da casa do outro e faz o mesmo funcionar. Ele dá um pulo e sai de casa correndo*)

MISTERIOSO — Socorro, help, polícia, corpo de bombeiros, help! (*O Gordinho também sai da casa ten-*

*Quando acubnar o outro. Esse pula nas costas do Gordinho.*  
 Heip, heip! Au secours!

GORDINHO — Mas Misterioso, você não se envergonha? Um cientista com medo de despertador?!

MISTERIOSO — Ah, foi um despertador... *(Desce um pouco envergonhado, examina o relógio)* Tão pequeno e tão barulhento! Extraordinário!

GORDINHO — É, mas isso agora não importa. Já amanheceu. Vamos ao nosso plano.

MISTERIOSO — Estou às suas ordens!

GORDINHO — O. K. *(Os dois se apertam no antepé da carrocinha do Leiteiro, tirando antes das casas vários instrumentos: um grande foie, uma rede bastante grande, uma lanterna, etc. Aproximam-se do Leiteiro, que está dormindo debaixo da carroça. O Gordinho toca um sino que imita o da igreja e o Mister coloca-se com o foie à frente do Leiteiro. Quando esse começa a acordar o Misterioso aperta o foie. O Leiteiro cai de novo para trás. A seguir coloca-se com o saco em um dos lados da carrocinha enquanto o Gordinho abre-lhe a porta e, batendo, imita a voz do Leiteiro)* Noite, acorda Noite! *(Começa a escurecer, e depois de algum tempo a Noite sai da carrocinha)* Agora, agora! *(O Misterioso joga a rede em cima da Noite enquanto o Gordinho tapa-lhe a boca com uma mordaza)* Ah, ótimo, ótimo serviço. Ah, ah, agora que a temos bem presa evitaremos esse esbanjamento de estrélas. Vamos tirar tôdas as estrélas dos seus olhos e vendê-las aos homens. Vai ser um sucesso, um sucesso! *(Diz um slogan)* Não

deixe que a Noite entre em sua casa. Iluminada com lâmpadas Gordinho Esperto. As lâmpadas Gordinho Esperto prolongam a sua vida!

MISTERIOSO *(Sem sotaque)* — Isso mesmo, e podemos até colocar lâmpadas nas suas. Podemos acabar com a alegria desses lampiões velhos e feios, colocar uns modernos e, o que é muito importante, podemos ganhar com isso muito dinheiro...

GORDINHO — Ah! Basta sentir o cheiro do dinheiro pra você aprender até a falar português! Mas vamos logo para o laboratório. Daqui a pouco o Leiteiro acordá, e se nos pega aqui vai ser o diabo.

MISTERIOSO — Vamos, vamos logo! *(Sacm. Logo que sacm o sino da igrejinha começa a tocar ao longe)*

LEITEIRO — *(O Leiteiro volta a acordar e a princípio se espreguiça. Depois dá um salto)* — Ué, que horas serão? *(Vê a porta da carroça aberta)* A Noite já saiu. Está tudô tão escuro... Mas se os sinos da igrejinha só agora estão tocando! E o seu Tempo ainda não passou para acender o lampião. *(Para a platéia)* Vocês viram a Menina Noite sair? *(As crianças naturalmente vão responder que sim. Alguns tentarão contar o rapto. As perguntas que se seguem dão apenas a direção em que o ator deve conduzir as respostas das crianças)* Com quem? Com seu Gordinho? Onde é que ela foi? Enfiaram a Menina Noite num saco? Meu Deus, eu preciso soltar a Menina Noite. *(Nesse momento entram dois homens vestidos de robô, retiram o velho Lampião e levam-no embora)* — Ei, que é isso? Deixem o meu amigo em paz! *(Um dos Autômatas dá um tapa no Leiteiro e o joga longe. Quando o Leiteiro se*





*... e a noite de Natal... O Leiteiro fez-lhe um gesto de despedida... Meu Deus, eu não sei mais o que está acontecendo. Está escuro. Mas eu não consigo ver a Noite. Não tenho mais estrelas nos olhos. E você que está lá? (Depois de alguns minutos) Não responde... (Pausa) É o meu amigo Lampião? Aquêles homens na certa vão machucá-la. Bem, de qualquer modo eu tenho de entregar o leite. Não adianta chorar. Não vai resolver nada. (Pausa e recomeça a cantar as mesmas palavras da primeira vez, mas agora em voz baixa) Só que agora não estou cantando, eu estou chorando. A noite que vai esconder as casas vão estranhar. Agora estão iluminadas e são cêus. Vão também entrar no palco lampiões elétricos. Na porta da igrejainha o velho Tempo pode aparecer. O Leiteiro por um momento é fechado no meio das câmbulas) Que luzes são essas? Onde está minha amiga Noite? Que rua é essa? E as casas? Por que cresceram tanto? Noite? Noite? Que lugar é esse? (O velho Tempo se levanta da porta da igrejainha e vem falar com o Leiteiro)*

TEMPO — Calma, meu filho. Não fique nervoso. A Noite está muito perto. Só que está escondida atrás dos rouba-cêus.

LEITEIRO — Rouba-cêus?

TEMPO — É. São essas casas altas que seu Gordinho mandou construir.

LEITEIRO — Pra que?

TEMPO — Pra ganhar mais dinheiro com a venda das estréias.



LEITEIRO — Ih, seu Tempo, eu não estou entendendo nada...

TEMPO — Eh, eh, eh, não se afobe, nós já vamos chegar lá. Você sabe que os olhos da Noite estão cheios de estréias, não sabe?

LEITEIRO — Sei. Foi o senhor mesmo que me contou.

TEMPO — Pois é. O Gordinho Esperto e o Mister roubaram os olhos da Noite. Agora, de cada estréia que eles tiram dos olhos dela fazem uma dessas lâmpadas. Depois, vendem as lâmpadas e ganham bastante dinheiro. Por isso mandaram construir êsses rouba-cêus. Dentro deles é muito escuro e as pessoas não se vêem direito. Moram uma por cima das outras. E pra não se pisarem têm que comprar muitas lâmpadas do Gordinho Esperto.

LEITEIRO — Então nós temos de quebrar tôdas as lâmpadas para soltar as estréias.

TEMPO — Ah, isso não adiantaria, meu filho. A terra anda muito escura porque há muitas pessoas como o Mister e o Gordinho Esperto: especialistas em ganhar dinheiro. Se você quebrar as lâmpadas as estréias que estão lá dentro morrerão. Não vão brilhar mais.

LEITEIRO — Quer dizer que a Menina Noite desapareceu para sempre?

TEMPO — Não, meu filho. E você pode vê-la. Amanhã bem cedinho, entre o último canto do galo e a alvorada, apanhe um litro de leite, dois pães, e vá até o morro. Chegando lá, pergunte onde mora o menino que passa fome mas continua a ser menino. Ele te dirá onde

encontrar a Noite e como libertar-lhe os olhos. Mas antes passe na padaria do senhor Vapor D'água e compre dois pães de nuvem. Depois, pode ir. E não esqueça, hein? Entre o último canto do galo e a alvorada!

LEITEIRO *(O Leiteiro canta a canção)*

Entre o último canto do galo  
É a alvorada  
Quando nas árvores se espreguiça  
A passarada  
Um menino hei de encontrar  
Que passa fome e a brincar  
Consegue a fome enganar  
Menino, menino  
Onde está a estréla guia  
Menino, menino  
É tão difícil ser menino  
Tendo a fome que enganar

É mesmo! Se ele passa fome e continua a ser menino é porque é muito sábio. Aposto que vai me ajudar a encontrar a Menina Noite. *(O velho Tempo vai passando, os raios-de-luz vão saindo de cena. Vão entrando em cena o morro e seus caschres)*

FIM DO 1.º ATO



ATO 2.º

*(Música no escuro)*

Vai leiteiro  
Leiteirinho  
Corre e anda  
Bem depressa  
A encontrar  
Um menino  
O tal menino  
Que com fome  
Apesar —  
De tanta fome  
Não esquece  
De brincar  
Vai Leiteiro  
Leiteirinho  
Bem depressa  
Procurar  
Um menino  
Que com fome  
De menino  
Com a fome vai brincar  
Leva o pão  
Não esquece o leite  
Estende a mão  
Ao menino  
Que apesar  
De passar fome  
Gosta ainda  
De brincar

*(A luz vai acendendo em resistência. Em cena um menino pretinho como a Menina Noite. Está fazendo um papagaio)*



LEITEIRO (*Chegando com a garrafa de leite e o pão na mão*) — Ôi.

MENINO — Ôi.

LEITEIRO — Bom dia.

MENINO — Bom dia, amigo Leiteiro. Pode entrar.

LEITEIRO — Como é que você sabe que eu sou o Leiteiro?

MENINO — Noite me falou muito em você.

LEITEIRO — Noite esteve aqui?

MENINO — Ela vem sempre aqui. Não quer sentar? (*Oferece um coque*)

LEITEIRO — Obrigado. Ah, ia me esquecendo... isso é pra você. (*Mostra o pão e o leite*)

MENINO — Óba, que bom, muito obrigado! Dá licença. (*Pega o leite. Vai apagar uma lata que faz às vezes de copo, enche-a, abre a cubrinha onde estão as pipas e põe-se a comer e a beber avidamente enquanto o Leiteiro o observa*)

LEITEIRO — Puxa! Você está com uma fome danada, hem?

MENINO — Se estou. Tem uns três dias que eu não como.

LEITEIRO — Pra que essas pipas?

MENINO — Pra brincar, pra vender. Você quer?

LEITEIRO — Uma pipa?

MENINO — Não, um pedaço de pão.

LEITEIRO — Não obrigado, já comi.

MENINO — Quer uma caneca? (*Estende o leite*)

LEITEIRO — Também não. Me diz uma coisa.

MENINO — O que é?

LEITEIRO — Você é o menino que passa fome e continua menino?

MENINO — Sou.

LEITEIRO — Você sabe onde é que está a Noite?

MENINO — Sei. Está aqui.

LEITEIRO — Aqui onde?

MENINO — Olhe bem. No fundo dos meus olhos. Noite agora é a menina dos meus olhos. Olhe bem.

LEITEIRO — É verdade, ela está lá. Está dormindo no fundo dos seus olhos. Noite, vem cá, Noite. Vem falar comigo. (*A luz mola. O menino desaparece e surge no palco a Menina Noite sob uma luz azul quase de sonho. A Menina Noite vem de olhos fechados e estende as mãos como se fôsse uma ceguinha*)

LEITEIRO — Noite, Noitinha, que bom que eu te encontrei. Mas o que é que você tem?

NOITE — Você não sabe, Leiteiro. Eu estou quase cega.

LEITEIRO — Por que? Quem foi que fez casa mal-dade?



Noite — Foram os homens de aço do seu Gordinho. Eles tiraram as estrélas dos meus olhos.

Leiteiro — Pra quê?

Noite — Pra vender.

Leiteiro — Mas ninguém pode vender estrélas. Mas são de todos.

Noite — Exat! Agora não são não. Eles agora vendem as estrélas nas lâmpadas e elas ficam brincando lá dentro. Se elas distribuíssem as lâmpadas era até melhor. Tão grande lá poder levar estrélas pra dentro das casas. Só que elas não dão. Eles vendem as lâmpadas. Por isso setou quase cega e não posso mais brincar com elas no amanhecer. Adeus, Leiteirinho, adeus.

Leiteiro — Noite! Noite! *(Nova mudança de luz. Aparece de novo o menino. O Leiteiro fala para os seus olhos.)* Noite! Noite!

Menino — Não se assuste, amigo Leiteiro. Ela tem de ficar no fundo dos seus olhos. Ela enxerga muito pouco e assim fica pode-se perder para sempre. Deixe pra lá. Ela deixou um presente pra você.

Leiteiro — O que é?

Menino — É uma estréla. Uma estréla que ela conseguiu esconder do seu Gordinho.

Noite — *(Ouve-se a voz em "play-back")* — Maninho, olhe bem no fundo dos meus olhos. Lá dentro tem a mais bela estréla entre tôdas as que existem. O canto entre o último canto do galo e a alvorada. E, se algum dia o Leiteiro vier me procurar, diga-lhe como

encontei a estréla grande. *(Ouve-se o canto de um galo)*

MENINO — Ela está lá, está vendo? Não? Feche os olhos. Pense no amanhecer. Viu? É essa estréla que aparece no horizonte. Eu gosto de chamá-la estréla da manhã.

LEITEIRO — Puxa! Como é bonita! *(Pausa)* Menino, eu queria uma coisa.

MENINO — O que é?

LEITEIRO — Eu queria que a estréla da manhã estivesse nos olhos de todos os leiteiros, de todos os meninos. E queria também devolver as estrélas pra Noite. Ou então queria ter dinheiro pra comprar pelo menos um bom par de óculos pra ela.

MENINO — Só tem um jeito, amigo Leiteiro. Nós dois vamos juntos à cidade. Lá chegando você junta o maior número possível de litros de leite cheios de leite bem puro. E fica esperando a hora das luzes acenderem. Quando tôdas estiverem acesas eu desligo a chave que controla tôdas as lâmpadas enquanto você derrama no céu da Noite o leite que estiver nos livros.

LEITEIRO — E a Noite voltará a ter estrélas?

MENINO — Talvez. Vamos tentar?

LEITEIRO — Vamos!

MENINO — Então, a caminho. A estrélas da manhã nos guiará. *(Os dois começam a desmanchar o barraco, depois descem o morro. Entram em cena os rouba-céu formando a cidade. Entardece)*





MENINO (*Do chegaram à cidade*) — Onde está o velho Tempo?

LEITEIRO — Deve estar na porta da igreja.

MENINO — Vamos pedir a ele para passar por aqui sem depressa. Assim o sei pensará que está na hora de descansar e os homens terão de acender as luzes.

LEITEIRO — Boa idéia. Espera aí que eu vou até lá.

MENINO — Está bem. (*O Leiteiro sai correndo até a igreja enquanto o menino vigia. Depois volta trazendo consigo o velho Tempo, que faz um aceno para o Menino e vai embora*)

LEITEIRO — Pronto, o tempo já passou. Agora eu vou apanhar as garrafas de leite.

MENINO — E eu vou esperar as luzes acenderem lá perto da chave grande.

LEITEIRO — A chave é muito grande. Será que você acredita desligar ela sozinho?

MENINO — Eu peço ao pessoal aqui pra me ajudar. Quem quer me ajudar? (*Arranja na plateia crianças que o ajudam a desligar a chave*)

LEITEIRO — Boa sorte, pessoal.

MENINO — Boa sorte, Leiteiro.

LEITEIRO — Ih, eu preciso também de quem me ajude aqui. Você quer segurar o caso pra mim? (*Os atôres dever levar as crianças a participar ativamente da cena. O Leiteiro sai com algumas crianças e traz para o palco uma escada, que abre no meio da cena. Traz*

também a carrocinha. Já é noite. Abre em seguida a carrocinha e coche duas bôlhas com litros de leite. Quando pega o último litro olha desconfiado) Ih, isto tem pelo menos meio litro de água! (*Pense um pouco*) Não faz mal. Vai assim mesmo. Os outros estão com leite bem puro. Um só não tem importância. (*O Leiteiro roba na escada. As luzes da cidade começam a se acender. O Leiteiro pendura as bôlhas no alto da escada e espera*) Tomem cuidado agora. Não tenham medo. Quando eles desligarem a chave grande vai escurecer e eu vou jogar tódo esse leite no céu. (*De repente tódas as luzes se apagam e o Leiteiro começa a jogar o leite das garrafas no céu. À medida que ele vai jogando o leite começam a aparecer no céu da noite várias estrélas. Os raios-céu naturalmente desaparecem quando se faz a escuridão. O Leiteiro continua a jogar leite no céu e, ao esvaziar a última garrafa, aparece no céu alguma coisa parecida com a lua*)

LEITEIRO — Ih, rapaz, a garrafa de leite batizado! (*Desce da escada e fica a olhar emborçado para o céu. No palco estão apenas o Leiteiro, a carrocinha, a escada e algumas crianças. Depois voltam o menino, o tempo, o Lampião, algumas coisas*) Conseguimos. Conseguimos, gente.

MENINO — Noite está vindo de nôvo.

LEITEIRO — Nesses olhos estão cheios de estrélas.

TEMPO — Eh, eh, estão cheios de estrélas.

TODOS (*Cantam*)

Quando as luzes se apagam  
Lá no céu renascem as estrélas  
E em nesses olhos se abraçam



JOÃO DAS NEVES

Dão-se as mãos constelações  
Novas mãos então se tocam  
E em nossos olhos escorrem as estrélas  
Que no céu se abracaram  
E em nossos olhos renasceram

(A dança continua. Num ponto do palco aparecem  
o Gordinho e o Misterioso)

GORDINHO — Então, dá um jeitinho de acabar com  
a alegria dessa gente! Se não nós vamos tomar um  
bruto prejuízo...

MISTERIOSO — Espere. Deixe eu pensar.

GORDINHO — Então penso duma vez. (Luz no Lei-  
teiro e em seus amigos que cantam)

MENINO — Leiteiro, o que é aquilo lá?

LEITEIRO — Ih, rapaz, acho que é o leite daquela  
garrafa. Estava meio azêdo. É que tinha muita água.

MENINO — Parece um queijo.

TEMPO — É a lua.

MENINO — Quem quer um pedaço de lua?

(Cantam e dançam. Corte para o Gordinho e o  
Mister. os amigos do Leiteiro saem de cena cantando.  
No centro do palco ficam só o leiteiro sentado no chão,  
olhando para o céu, a escada, sua carrocinha aberta e  
as garrafas vazias de leite)

GORDINHO — E então?

MISTERIOSO — Já sei. Vamos espalhar um boato.

O LEITEIRO E A MENINA NOITE

GORDINHO — Que boato?

MISTERIOSO — Vamos dizer que o Leiteiro está  
maluco.

GORDINHO — Grande idéia! Convocaremos imedia-  
tamente os nossos agentes. (Tira um apito do bolso e  
apita. Chegam os robôs trazendo um enorme telégrafo  
em que se vê escrito "As pressas". O Gordinho começa  
a ditar a mensagem e os automáticos a transmitir.)  
Atenção! Há um Leiteiro maluco na cidade. Sua mania  
é dizer que deu estrélas à Noite. Cuidado! É perigoso.  
muito perigoso. (Um dos robôs sai levando o telégrafo  
enquanto o Gordinho, o Mister e os outros dois robôs  
se infiltram entre os meninos distribuindo volantes pela  
platéia: "Cuidado com o Leiteiro! Está maluco")

LEITEIRO (Só no palco) — Puxa vida! Que bonito!  
A gente conseguiu. Agora é só ficar aqui esperando  
amanhecer pra ver a estréla grande. Será que eu vou  
conseguir falar com Noite? (Enquanto fala, os robôs  
vão se aproximando e seguram o Leiteiro colocando-o  
uma camisa de força) Ei, o que é isso? Pare com isso!  
Para onde estão me levando? Esperem ao menos que  
eu veja a estréla grande! (Saem)

GORDINHO (Seguindo-os durante algum tempo) —  
Sim, sim. Você vai ver a estréla grande.

MISTERIOSO — Você verá sempre a estréla grande.  
(Depois que os robôs desaparecem os dois voltam-se  
para os homens, que ficaram espantados)

GORDINHO — Não convém contrariar os loucos.





MISTERIOSO — Não correm... *(Vão saindo de casa pela escadaria que sobem as escadarias. Os homens entram a fazer suas coisas, quando volta a criança o menino que passa junto com a menina)*

MENINO *(Gritando pelo Leiteiro)* — Leiteiro! Leiteiro! *(Para as crianças)* Vocês viram o leiteiro?

*(O tempo, o Leiteiro e as casas entram chamando o Leiteiro. Perguntam às crianças. Quando elas responderem entram o Gordinho e o Misterioso)*

MENINO — O que é que vocês fizeram com o Leiteiro?

GORDINHO — Ah, meus amigos, que desgraça!

MISTERIOSO — Que desgraça!

GORDINHO — Cotadinho do leiteiro!

MISTERIOSO — Do Leiteirinho!

GORDINHO — Meu pobre, meu grande amigo leiteiro.

MISTERIOSO — Amigão!

MENINO — Que foi que o senhor fez com o Leiteiro?

GORDINHO — Ah, você também é amigo dele? Muito prazer.

MISTERIOSO — Muito prazer.

GORDINHO — O nosso pobre amigo Leiteiro antes de entregar a alma a Deus falou muito em você.

MISTER — Muito mesmo.

MENINO — O Leiteiro morreu?

GORDINHO — Não fale assim, que me entristece.

MISTERIOSO — Me entristece muito.

GORDINHO — Diga "falaram", é mais bonito.

MISTER — Muito mais bonito.

MENINO — É mentira, seu gordo de uma fica. Vou procurar o Leiteiro! Quem quer ir comigo? *(Se algumas crianças quiserem ir o menino deve sair com elas para procurar o Leiteiro. Enquanto isso)*

MISTERIOSO — Está nervoso o crioulinho.

GORDINHO *(Rindo amargo para a criança)* — É que ele pensa que nós fizemos maldade com o Leiteiro. Não é verdade. Nós estamos tão tristes.

MISTERIOSO — Tristíssimos. Me dá uma vontade de chorar. Buuuu...

GORDINHO — Não chore. Não chorem, amigos. Acabou-se a tristeza. Chegou a hora da alegria. *(Dá as palmas. Aparecem os "sandwichs", figurando uma fábrica onde se lê: "Laticínios Via Láctea")*

GORDINHO e MISTERIOSO *(Cantam)*

Tocam os sinos da riqueza  
Vai-se a noite vem o dia  
Tocam os sinos da alegria  
Quando há queijo em sua mesa.

Compre um queijo  
Vai gostar



Mais saúde vai gozar  
E me ajuda a carregar.

Tocam os sinos da riqueza  
Vai-se a noite vem o dia  
Tocam os sinos da alegria,  
Quando há queijo em sua mesa.

*(Chegam correndo o Menino, o Leiteiro e os garotos)*

MISTERIOSO — Quem quer comprar queijos da nossa fábrica?

GORDINHO *(O Gordinho percebe que os outros chegaram e tenta cutucar o Misterioso)* Misterioso, olha quem está aí?

MISTERIOSO — Leiteirinho! Como vai? Você por aqui? Quer um queijo?

LEITEIRO — Eu quero a minha carroça.

TODOS — Nós queremos a Menina Noite de volta.

*(Cantam)*

Queremos seus olhos  
Estrélas  
Queremos seu riso  
Poesia  
Onde está a Menina Noite  
Onde mora a alegria.

GORDINHO — *(Para o outro)* — Ih, rapaz, o negócio está ficando feio! Acho melhor a gente dar no pé. *(Vão saindo de mansinho mas são perseguidos pelos outros)*

TODOS — Pega, pega! *(O Gordinho e o Leiteiro sacam um carrinho. Os outros em cima do carro e dançam)*



Misterioso  
Que queria nos vencer  
Levou um chute  
E danou-se a correr  
Gordinho esperto  
Que queria tudo seu  
Levou um tabete  
Tudo agora é teu e meu  
É nossa a noite  
Com a lua e as estrélas  
É nosso o dia  
Que na noite principia  
La la la la  
La la la la la la la  
La la la la  
La laia laia laia.

*(A luz vai descendo em resistência sobre a dança. No escuro ouve-se a voz do Menino. A luz ao voltar encontra-o sentado no meio do palco)*

MENINO — E assim foi. Naquela terra daquele dia em diante tudo foi de todos. A Menina Noite ficou muito contente com a vitória da gente e a devolução dos seus olhos. Ficou tão contente que, não tendo nenhum presente para dar aos homens e achando que as lâmpadas ajudavam muito a todo mundo, deixou que as estrélas ajudassem muito a todo mundo, deixou que as estrélas tódas lhe escorregassem dos olhos por aquêlo caminho do céu que vocês conhecem pelo nome de Via Láctea e viessem morar nas lâmpadas aqui da terra. São elas que brilham nas suas casas, nos lampiões da rua,



Que em seus olhos  
 Quer meter  
 Vai menino  
 Adeus menino  
 Que eu também  
 Vou procurar  
 No horizonte  
 Da manhã  
 A estrela vou buscar  
 Da manhã da manhã  
 Vou menino  
 Te encontrar  
 Vai menino  
 Adeus menino

FIM



no furol dos sub-moleiros nas ruas das cidades. Mas as estrelas  
 nos foram dadas pela Menina Noite que, ao sair de casa, levou  
 um pedaço de leite com a mãe dela e com a mãe da Mãe. Uma  
 Láctea. A Menina Noite só guardou uma estrela nos seus  
 olhos. A estrela da manhã. E é por isso que todas as  
 manhãs, quando as luzes da cidade se apagam, no ho-  
 rizonte surge uma estrela única. A mais bela entre to-  
 das que existem. Os leiteiros são os primeiros a vis-  
 tá-la. Os leiteiros e os meninos, porque foram eles que  
 pela primeira vez a chamaram Estrela da Manhã.  
 Quem, de madrugada, chegar à beira da praia e  
 olhar o horizonte encontrará a Estrela da Manhã. Po-  
 derá até fazer algum pedido a um leiteiro ou a um me-  
 nino que passe fome e continue a ser menino. Talvez  
 seja atendido. (Nesse momento a Leiteira deve estar  
 andando em paz com o leiteiro e com a sua criança. No  
 horizonte brilha uma grande estrela. Em cima da es-  
 relinha surge a Menina Noite apontando para a estrela).

*Cancão final*

Se você  
 É um bom menino  
 Vá depressa  
 Procurar  
 No horizonte  
 A estrela grande  
 Que em seus olhos  
 Vai brilhar  
 Vai menino  
 Bom menino  
 Bem depressa  
 Encontrar  
 A estrela  
 Do horizonte